

ARTE URBANA

E A CONSTRUÇÃO DE SI

MARTINA GORNICKI

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS**

MARTINA GORNICKI

**ARTE URBANA E A CONSTRUÇÃO DE SI: O QUE DIZEM OS ALUNOS DO
MUNICÍPIO DE ARROIO DO SILVA, SOBRE OS MURAIIS DA REGIÃO**

CRICIÚMA

2024

MARTINA GORNICKI

**ARTE URBANA E A CONSTRUÇÃO DE SI: O QUE DIZEM OS ALUNOS DO
MUNICÍPIO DE ARROIO DO SILVA, SOBRE OS MURAIIS DA REGIÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciatura no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Me. Gabriel Valga Ricardo

CRICIÚMA

2024

MARTINA GORNICKI

**ARTE URBANA E A CONSTRUÇÃO DE SI: O QUE DIZEM OS ALUNOS DO
MUNICÍPIO DE ARROIO DO SILVA, SOBRE OS MURAIIS DA REGIÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciatura, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa Educação e Arte.

Criciúma, 26 de novembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Gabriel Valga Ricardo - Mestre em educação - (UNESC) - Orientador

Profa. Izabel Cristina Marcilio Duarte - Mestra em educação - (UNESC)

Profa. Laura dos Santos Goulart - Mestra em educação - (UNESC)

A todas e a todos os artistas urbanos que
trabalham para democratizar o acesso à arte.

AGRADECIMENTOS

Nesta longa caminhada pela licenciatura e pelo Brasil, muitas pessoas fizeram parte da minha história em diferentes cidades, contextos e situações. Agradeço a todas essas pessoas com as quais compartilhei momentos e lembranças nesses quase seis anos de estudos e aventuras. Guardo todas estas experiências na mesma mochila com a qual cheguei neste país.

A Patrícia, minha mãe, obrigada pelo amor e a paciência, por sempre me criar com liberdade e me incentivar a seguir minhas ideias e desejos, mesmo nas mais ousadas e incertas aventuras. Esta minha conquista é, em grande parte, graças ao teu apoio incondicional.

Obrigada a Julia e Delfina, minhas amigas de muitos anos, por serem meu alicerce e por sempre caminhar junto comigo, mesmo na distância. Agradeço enormemente a possibilidade de crescer junto a duas pessoas tão incríveis e parceiras como vocês. Este meu logro também leva seus nomes.

Ao meu companheiro Cícero pelo amor, pelas ondas, a água salgada, a paz, a arte, as comidas...por me apoiar nesta caminhada e em muitas outras, sempre me incentivando a fazer o que amo.

A minha amiga Hilda, fiel companheira de aulas, de arte, de maresia e de conversas sobre a vida. Agradeço ter te conhecido neste momento da minha caminhada, você é uma inspiração para mim.

Ao meu irmãozinho Lucho, que sempre fala com orgulho pros seus amigos que a sua irmã vai ser professora. Ao meu pai, por sempre me ajudar a pensar possíveis caminhos para realizar meus sonhos.

A todos meus amigos e amigas do muralismo e do graffitis, que tenho e que tive, os quais admiro enormemente e agradeço por terem me brindado experiências e histórias que possibilitaram a escrita desta pesquisa.

E por último ao meu orientador Gabriel, pelo seu comprometimento com esta pesquisa e por transmitir tão fortemente o seu amor pela educação e pela arte. Você é uma grande referência do tipo de professora que eu gostaria de me tornar.

Esta minha conquista é graças a todos vocês.

Com amor, Martina.

“El arte en general (...), es toda la historia de los gestos más humanos, profundos y amorosos que se han dado los hombres sobre la tierra”

Raúl Zurita

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso pretende compreender quais são as impressões que alunos e alunas do 9º ano, com pouco acesso a arte, do município Balneário Arroio do Silva, tem sobre os murais e grafittis locais e como essas produções implicam na formação desses sujeitos. Começo escrevendo sobre os meus primeiros contatos com o muralismo, e como este me formou no fim da adolescência. Seguido, contextualizo sobre o surgimento do graffiti e do muralismo, passando e explicando brevemente sobre outras linguagens da arte urbana, compreendendo sua importância política e social na comunidade. Nesta pesquisa, dou meus primeiros passos me apoiando na escrita de Celso Gitahy (1999) e Marcela Belo Gonçalves (2013). O'Doherty (2019) e Leite e Ostetto (2005) me guiaram para conseguir realizar uma análise sobre os espaços expositivos da rua e das galerias/museus; quais são suas diferenças e semelhanças e qual tipo de espectador procuram e querem formar. Para enriquecer a minha pesquisa, fui à escola Apolônio Ireno Cardoso para coletar dados de campo junto com os alunos e alunas do 9º ano. Estes dados foram muito importantes para, junto com a pesquisa bibliográfica, chegar à conclusão desta pesquisa na qual compreendi a necessidade do contato com a arte urbana em jovens entre 14 e 15 anos, com pouco acesso à arte para o enriquecimento do repertório cultural, o que possibilita a ampliação da visão de mundo permitindo a transformação do seu entorno.

Palavras-chave: Arte Urbana, Ensino da Arte, Muralismo, Graffiti, Balneário Arroio do Silva.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Desenho “El secreto de los flamencos”.....	15
Figura 2 - Animais de cerâmica.....	16
Figura 3 - Retrato em cerâmica.....	16
Figura 4 - Desenho em pontilhismo.....	17
Figura 5 - Mural na rodoviária da Praia Grande, Santa Catarina.....	19
Figura 6 - Detalhes do mural da Praia Grande.....	19
Figura 7 - Recorrido para realizar o mapeamento de murais e grafittis.....	28
Figura 8 - Mural da rua Hortêncio Dutra (pista de skate).....	29
Figura 9 - Mural da Rua Scaini.....	29
Figura 10 - Mural Rua Durval de Oliveira Souza.....	30
Figura 11 - Mural da Avenida Santa Catarina.....	30
Figura 12 - Mural da Avenida Beira Mar.....	31
Figura 13 - Mural da avenida Barriga Verde.....	31
Figura 14 - Mural Mercado das frutas da Avenida Barriga Verde.....	31
Figura 15 - Mural Mercado das frutas da Avenida Barriga Verde.....	32
Figura 16 - Mural Mercado das frutas da Avenida Santa Catarina.....	32
Figura 17 - Mural Mercado das frutas da Avenida Santa Catarina.....	32
Figura 18 - Mural Mercado das frutas da Avenida Santa Catarina.....	33
Figura 19 - Mural Mercado das frutas da Avenida Santa Catarina.....	33
Figura 20 - Obras lambe-lambe do artista Gerdy Harapos, 2024.....	36
Figura 21 - Obras do festival Lambe Floripa, 2023.....	36
Figura 22 - Obra “Transmutação da carne” do Ayron Heráclito, 2015.....	37
Figura 23 - Obra “Marca Registrada” da artista Letícia Parente, 1974.....	37
Figura 24 - Bgirl Toquinho.....	38
Figura 25 - Desenho religioso.....	40
Figura 26 - Propaganda eleitoral apoiando a Helvio Sabino e Lucio Albucium.....	41
Figura 27 - Obra “El Arsenal”, de Diego Rivera, 1928.....	44
Figura 28: Mural “La epopeya de la civilización americana” (detalhe) de José Orozco, 1932.....	44
Figura 29: Obra do artista Bruno Barbi.....	46

Figura 30: Obra sobre Antonieta de Barros pelos artistas Gugie, Thiago Valdi e Tuane Ferreira.....	47
Figura 31: O mapa desenhado.....	61
Figura 32: Localização dos murais/graffitis no mapa.....	63
Figura 33: Pirâmide dos murais/graffitis mais e menos votados.....	63
Figura 34: Escrita das sensações e sentimentos dos alunos pelas obras de arte urbana.....	64
Figura 35: Mural/graffiti na pista de skate - Confiança e saudade.....	65
Figura 36: Graffiti da pista de skate - nostalgia.....	65
Figura 37: Mural/graffiti do posto - Infância.....	67
Figura 38: graffiti do norte - paz, abandono e solidão.....	68
Figura 39: Mural “feito em Santa Catarina” (norte) - original e medo.....	69
Figura 40: Detalhe da obra do norte - original e medo.....	70
Figura 41: Mural/graffiti sobre a praia - recordação e alegria.....	70
Figura 42: Mural do mercado sul - natureza e empatia.....	71
Figura 43: Mural/graffiti do café (Mercado centro) - O nosso Brasil.....	72
Figura 44: Obra da Marina Abramovic.....	78
Figura 45: Obra de Os Gêmeos.....	79
Figura 46: Obra de Nazza.....	79

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Informações exploratórias para a escrita dos capítulos

Quadro 2 - Pirâmide de fotos

SUMÁRIO

1 ENGATINHANDO SOBRE TINTAS E PAPÉIS.....	13
1.1 Organização metodológica.....	20
1.2 Sobre a coleta de dados.....	25
2 PRIMEIROS PASSOS, DO BRANCO AO COLORIDO: A ARTE NOS CONTEXTOS DA CIDADE.....	33
2.1 A linguagem do graffiti e do muralismo.....	37
2.2 A arte urbana como crítica e ampliadora de visões de mundo.....	45
3 CAMINHANDO E OBSERVANDO: RECONHECER-SE NUM TOM.....	48
3.1 Concepções e características: espaço urbano, galerias e museus.....	50
3.2 Dissimilaridades expositivas.....	51
3.3 Repertórios culturais e a formação de si.....	54
4 ENSINANDO NOVOS PASSOS: DESCOBRINDO NOVAS CORES.....	57
4.1 O que dizem os alunos e alunas?.....	61
4.2 Quais impressões se mapeiam aqui?.....	69
5 LIMPANDO OS PINCÉIS: A APARIÇÃO DE OUTROS HORIZONTES.....	71
6 PROJETO DE CURSO.....	73
REFERÊNCIAS.....	75
APÊNDICE.....	81
ANEXO.....	82

1 ENGATINHANDO SOBRE TINTAS E PAPÉIS

As minhas vivências com a arte começaram desde pequena. Minha mãe, pintora curiosa, sensível e surrealista, desenhadora paciente de pulso calmo, me fornecia espaços, momentos e recursos para que eu experimentasse as artes visuais.



Fonte: Acervo da acadêmica, sem ano.

Tinta a óleo, aquarelas, lápis de cor e lápis aquareláveis, uma infinidade de instrumentos quase *quirúrgicos*¹ para criar mandalas e folhas de diferentes gramaturas. Foram com essas materialidades que pintamos juntas, muitas tardes sentadas na mesa de madeira escura da sala onde me ensinava a arte da simetria e propiciava o tempo para a livre exploração das cores e das formas. Sobre essa livre exploração, a escritora, psicanalista e artista visual Kátia Canton (2009) expõe:

¹ Ao longo desta escrita, como forma de firmar a minha história, serão utilizados termos em Espanhol ou que expressam o processo de construção da minha identidade enquanto artista. Será adotado o itálico e notas de rodapés como formatação destaque para essas palavras. Quirúrgico refere-se a um elemento utilizado nas operações e cirurgias, por tanto, é uma ferramenta de precisão.

A arte pede um olhar curioso, livre de preconceitos, mas repleto de atenção. Mas, ao mesmo tempo que se nutre de subjetividade, há outra importante parcela da compreensão da arte que é constituída de conhecimento objetivo envolvendo a história da arte e da vida, para que esse material seja possível estabelecer um grande número de relações. Assim, a fim de contar essa história de modo potente, efetivo, a arte precisa ser repleta de verdade. Precisa conter o espírito do tempo, refletir visão, pensamento, sentimento de pessoas, tempos e espaços. (Canton, 2009, p.13)

Aos seis anos comecei a experimentar produzir com a argila. Meus pais me matricularam num espaço que ofertava oficinas de pintura e cerâmica: uma casona grande em Buenos Aires que continha o forno para a queima na garagem, onde muitos de nós, crianças curiosas, brincávamos enquanto as outras terminavam de esmaltar suas peças. Eu adorava criar esculturas de animais. Esculturas essas, pequenos leões e burros, que até hoje habitam a casa da minha mãe e que convivem com as cerâmicas que ela mesma fez, pois também gostava muito de criar a partir dessa linguagem.

Figura 2: Animais de cerâmica



Fonte: Acervo da acadêmica, sem ano.

Figura 3: Retrato em cerâmica



Fonte: Acervo da acadêmica, sem ano.

Meu pai, amante da tecnologia, fanático pela linguagem do cinema e pela música, me mostrou filmes dos países mais inusitados e artistas musicais emergentes. Ir ao cinema na primeira hora do dia foi nossa rotina de final de semana por muitos anos. Foi então, a partir destas vivências com meu pai e com a minha mãe, que brotou em mim o desejo de me introduzir no mundo das artes visuais.

Com dezessete anos, comecei a criar personagens surrealistas feitos em pontilhismo, com traços humanos e características um tanto engraçadas, quanto misteriosas. Rapidamente me encontrei mostrando minhas criaturas, fazendo exposições e conhecendo outros/as artistas emergentes que, assim como eu, tinham vontade e fome de expansão.

Figura 4: Desenhos em pontilhismo



Fonte: Acervo da acadêmica, 2020.

Dois anos depois comecei uma viagem que, de forma completamente inesperada, me levou a morar no Brasil. Nesta nova terra exuberante e imensa, que falava outro idioma e tinham outros costumes, comecei a me comunicar com o entorno através do muralismo². Saí da capital bonaerense direto para uma cidade de sete mil habitantes no Extremo Sul Catarinense: a cidade de Praia Grande. Comecei a pintar as paredes da casa onde morava, a fazer placas praticando a técnica do *fileteado*³, procurando um estilo que representasse a Martina daquela época. As pessoas da vila começaram a se interessar por essas pinturas e, pouco tempo depois e com um *portunhol*⁴ bastante rudimentar, fui me inserindo e conhecendo a comunidade, alicerçada em meus murais e nas placas tanguueiras.

Sobre a interferência das vivências e da nossa cultura nas formas como nos comunicamos, o teórico cultural e sociólogo britânico Stuart Hall diz que “as palavras são ‘multimoduladas’. Elas sempre carregam ecos de outros significados que elas colocam em movimento, apesar de nossos melhores esforços para cerrar o significado” (2006, p.41). Assim como as palavras são multimoduladas, descobri que as linguagens da arte também podem ser interpretadas deste modo. O que comunicamos, da forma que seja, expressa o que somos e não somos. Um enorme repertório que é formado por raízes da nossa cultura e das vivências, consciente e inconscientemente, que se revelam naquilo que fazemos.

Quando comecei a pintar e trabalhar com murais, quis trazer para as paredes aqueles fileteados que criava sobre placas de madeira. O fileteado passou a ser, naquela época, a minha assinatura.

Com o passar do tempo, os meus interesses foram se ampliando e no ano de 2022 participei de um edital para realizar um mural a partir de uma pesquisa sobre as comunidades indígenas da região dos Aparados da Serra, em Santa Catarina. O projeto foi aprovado e o mural foi executado na rodoviária da Praia Grande, SC. Este município vive, entre outras coisas, do turismo e a sua estação rodoviária estava

² É um tipo de pintura artística realizada sobre paredes internas ou externas. Muitas vezes estas obras estão à disposição de quem transita pelas ruas, sem precisar de museus ou galerias de arte.

³ Estilo artístico de pintura e desenho típico da capital argentina de Buenos Aires. É caracterizada pela utilização da simetria, as cores fortes e as superfícies sobrecarregadas. A maioria das vezes o fileteado é composto por uma escrita em letras góticas ou cursivas acompanhada de algum retrato e ornamentado, nas laterais, com linhas e folhas de acanto. O fileteado começou sendo uma pintura decorativa para caminhões e carretas e se expandiu até o setor cultural emergente da época, o tango, até se tornarem duas linguagens inseparáveis. Em 2015 o Fileteado Porteño foi declarado Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO.

⁴ Fusão linguística entre o português e o espanhol.

esquecida e um pouco abandonada. O desejo na realização desse mural foi a revitalização de um espaço central da cidade esquecido para tê-lo como uma possível locação para a realização de eventos.

Figura 5: Mural na rodoviária da Praia Grande, Santa Catarina



Fonte: Acervo da acadêmica, 2022.

Figura 6: Detalhes do mural da Praia Grande



Fonte: Acervo da acadêmica, 2022.

Pouco tempo depois de finalizado o mural, a prefeitura do município restaurou a sala onde antigamente se vendiam os bilhetes para os ônibus, convertendo-a numa loja para a venda dos artesanatos locais. Posteriormente, aquele espaço, na parte exterior da rodoviária, serviu para a realização de alguns eventos musicais e

artísticos. Este trabalho e os acontecimentos que sucederam a partir da finalização deste mural, me permitiram refletir sobre o que a arte urbana pode gerar e movimentar nas cidades e nas comunidades.

A pintura na arte urbana, e também as outras múltiplas expressões, tem o poder de transmitir mensagens abrangentes e populares que não fazem distinção entre os diferentes espectadores. Ao utilizar a rua como meio expositivo, assim como o muralismo se apropria do espaço urbano, democratiza-se o acesso à arte, o consumo artístico e cultural, e também nos comunica sobre as características do lugar. Através das artes que se apresentam no meio urbano, é possível identificar situações políticas e sociais que estão atravessando e acontecendo naquele espaço, e sobre os pensamentos das comunidades que pertencem a esse território e daqueles que por ali transitam.

A Arte Urbana, ou Arte Pública segundo a autora Marcela Belo Gonçalves (2013) possui as seguintes características:

A Arte Pública busca a inserção da arte no cotidiano da cidade, em locais onde o público, transeuntes, possa ter contato diariamente, sem a mediação de instituições, como os museus ou galerias. Trata-se de uma arte acessível, que modifica o meio urbano de modo permanente ou temporário. Trazendo estas obras de arte para as ruas podemos conferir à sua fruição um caráter social. (Belo, 2013, p.01)

A Arte Urbana, amalgamada com o movimento da cidade, grita uma mensagem destinada a todas as pessoas que passam pelas ruas. É aberta ao público. Aberta para o criador e para o observador. Pode conter características abstratas, concretas, ser feita com spray, também pode apropriar-se de elementos orgânicos como a voz e o corpo, em grupo ou solitário, numa praça, numa viela, com uma grande trajetória ou principiante. O que não escapa a nenhum tipo de arte urbana, é o corpo, a presença e a mensagem. Sobre isto último Felipe Eduardo Lázaro Braga diz que:

A inscrição grafite, ao se apropriar da sintaxe da cidade, enuncia sentenças de presença e contexto que são irreduzíveis ao desenho; investigar a sociogênese da forma grafite é investigar, portanto, como os processos sociais da cidade imprimem sua fatura na gramática da forma. (2023, p.127)

Sobre as características desse tipo de produção artística, que engloba o meio urbano, Braga (2023, p.125) comenta que há um “duplo registro da linguagem, que se realiza não apenas no traço efetivamente grafitado – a imagem –, mas inclusive no desenvolvimento da ação de grafitar – a performance”.

É necessário ter um olhar profundo, contextualizado e sensível quando se trata de compreender a arte urbana. Para isso, em um movimento exploratório, e por acreditar na importância de pensar, refletir e ensinar arte, e do mesmo modo, como a arte urbana foi um caminho para me encontrar e me inserir num novo município, e também num novo país; desdobra-se nesta pesquisa a seguinte inquietude: **Quais são as impressões que os alunos e alunas do 9º ano, com pouco acesso a arte, da escola Apolônio Ireno Cardoso do município Balneário Arroio do Silva, tem sobre o muralismo e o graffiti local e como essas produções implicam na formação desses sujeitos?**

O que é arte urbana e quais os seus tipos? O que torna uma produção artística, em arte urbana? Ela desenvolve a criticidade do aluno? Que culturalidade ela comunica? Pode o muralismo ser utilizado para ampliar a visão de mundo? Esses são alguns questionamentos que guiarão esse percurso investigativo. A estrutura desta pesquisa está dividida em 5 capítulos em que cada título faz uma analogia aos diferentes estágios que um indivíduo experimenta até conseguir caminhar e o que ocorre depois dessa conquista. Esse caminhar faz relação ao meu processo de descobrimento e minhas primeiras aproximações com as artes visuais, relatadas anteriormente. As tintas e as cores, mencionadas também nesses títulos, fazem menção ao meu despertar para o muralismo, um dos objetos principais nesta pesquisa junto com o graffiti.

Começo esta escrita com o capítulo *Engatinhando sobre tintas e papéis* em que lembro e reflito sobre meus primeiros movimentos no mundo da arte, do muralismo, experiências relevantes que me levaram até onde estou hoje e a fazer esta pesquisa. Aqui explico as minhas motivações para escrever sobre a arte urbana, organizo metodologicamente a minha pesquisa e explico como fiz para coletar os dados analisados aqui. Também será apresentado e explorado neste capítulo, alguns dos murais e graffiti que o município de Balneário Arroio do Silva

possui e sua contextualização, já que essas produções serviram de material norteador para a coleta de dados.

Em seguida, no segundo capítulo *Primeiros passos: do branco ao colorido*, relato o surgimento da arte urbana apresentando a contextualização histórica, a importância dela para o desenvolvimento cultural do indivíduo e as possíveis relações políticas, sociais e culturais. Almejando fazer relações com as minhas vivências com a pintura artística sobre paredes, terei como foco o estudo sobre o muralismo e o graffiti. Para isso, busco apoio nos autores Felipe Eduardo Lázaro Braga (2023), Marcela Belo Gonçalves (2013) e Celso Gitahy (1999), para compreender algumas características da arte urbana e da arte contemporânea.

No terceiro capítulo, intitulado *Caminhando e observando: reconhecer-se num tom*, falo sobre diferentes concepções dos espaços públicos e privados no decorrer da história e traciono possíveis relações e diferenças entre o espaço expositivo urbano e os espaços expositivos tradicionais. Para conseguir compreender as características destes espaços expositivos, contarei principalmente com os autores Raquel Rolnik (1994), Brian O'Doherty (2002) e Maria Isabel Leite e Luciane E. Ostetto (2005)

Logo após, no quarto capítulo *Ensinando novos passos: descobrindo novas cores*, apresento a análise de dados que surge a partir da experiência com os alunos e alunas do 9º ano da escola Apolônio Ireno Cardoso, localizada no município Balneário Arroio do Silva. Aqui reforço como foi realizada a roda de conversa e as intervenção nas imagens dos murais/graffitis do município que levantaram respostas, a fim de saber quais são as impressões que os graffiti e murais locais despertam nos alunos e alunas daquela turma. Para realizar esta coleta de dados foi utilizado um mapa físico do município, realizado por mim, onde estão localizadas as obras urbanas do mesmo.

Por fim trago a conclusão desta pesquisa com o capítulo *Limpando os pincéis: a aparição de outros horizontes*, onde trago as considerações finais, a partir dos dados que foram coletados e da base teórica utilizada, que me levaram a compreender sobre as impressões que alunos e alunas do 9º ano, com pouco acesso a arte, do município Balneario Arroio do Silva, têm sobre o muralismo local e como essas produções implicam na formação desses sujeitos.

1.1 ORGANIZAÇÃO METODOLÓGICA

Aprendemos a engatinhar e a caminhar a partir das nossas experiências e as que compartilhamos com a dos outros. Estes outros, familiares, amigos, tutores, professores, se tornam referências para nós. As experiências que eles nos proporcionam, nos tornam capazes de formular, a partir do nosso repertório, novas vivências, e o próprio modo de continuar nosso desenvolvimento. Sobre a experiência, o escritor Jorge Larrosa Bondía (2002, p.02) diz que ela “é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. Com estas palavras, compreendo que a experiência é algo que nos atravessa, algo do qual fazemos parte e por isso se torna experiência. As experiências nos formam e nos caracterizam como indivíduos, a partir delas somos o que somos. No fim, as experiências são as bagagens da vida sobre as quais vamos crescendo e nos desenvolvendo.

Na extensão deste caminho investigativo de caráter qualitativo, que se insere na linha de pesquisa Educação e Arte, no qual propõe estudos acerca das artes visuais e suas relações com a formação de sujeitos por meio do Ensino de Arte, procuro basear minha pesquisa inicialmente em materiais bibliográficos que, segundo o doutor e escritor Antônio Carlos Gil (2008, p. 50) “é desenvolvida a partir de material já elaborado constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

Além dos materiais bibliográficos, também me apropriei de *materialidades sensíveis*⁵, como as memórias, vivências e relatos tanto dos alunos e alunas, quanto das minhas. Para Gil (2008), essas materialidades sensíveis, são relevantes para a interpretação do autor sobre os dados da investigação, cumprindo um papel fundamental quando falamos de uma pesquisa qualitativa. Sobre isso, a pesquisa qualitativa, Gil diz que:

(...) está relacionada aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e a como as pessoas compreendem esse mundo. Tenta, portanto, interpretar os fenômenos sociais (interações, comportamentos, etc.), em termos de sentidos que as pessoas lhes dão; em

⁵Entende-se por materialidades sensíveis às memórias, histórias e vivências que carregamos consigo e que constroem nosso processo de formação enquanto sujeitos.

função disso, é comumente referida como pesquisa interpretativa. (Brandão 2001, p.13 *apud* Rodrigues)

Essas materialidades sensíveis partiram do que Honorato (2007, p.26) chama de espaços de narrativas, já que quando ele “acontece permite uma interação do grupo e abre as portas da imaginação, proporcionando uma riqueza na pesquisa”. Espaço esse que servirá como movimento de estudo de campo, que se liga ao desenvolvimento humano, e visa mapear como a arte urbana, especialmente a técnica do muralismo e graffiti, implica na formação do sujeito. Com base nisso, percebo essa escrita como uma investigação de caráter qualitativo pois, segundo Gil:

Nestas, os procedimentos analíticos são principalmente de natureza qualitativa. E, ao contrário do que ocorre nas pesquisas experimentais e levantamentos em que os procedimentos analíticos podem ser definidos previamente, não há fórmulas ou receitas predefinidas para orientar os pesquisadores. Assim, a análise dos dados na pesquisa qualitativa passa a depender muito da capacidade e do estilo do pesquisador. (2008 p.175)

Segundo a escritora e psico-pedagoga italiana Evi Crotti (1996 p.12 *apud* Paños, 2016 p.17, tradução nossa)⁶ “quando uma criança te mostra uma folha cheia de rabiscos, está te ensinando uma parte do mundo dela, uma parte dela mesma.” As crianças têm menos limitações e juízos no momento de se expressar. Desta forma, seria interessante trabalhar e incentivar a expressão dos indivíduos jovens e adultos por meio da arte, rabiscando seus mundos numa folha, ou quem sabe numa parede.

Segundo Ana Mãe Barbosa (1998, p.13) “a educação poderia ser o mais eficiente caminho para estimular a consciência cultural do indivíduo, começando pelo reconhecimento e apreciação cultural”. Barbosa (1998) escreve também sobre a importância do Ensino de Arte e como esse ensino representa simbolicamente as características de uma sociedade ou grupo social tais como suas inquietudes, sua espiritualidade, sua intelectualidade, seu modo de vida, suas tradições, ou seja, a sua culturalidade.

⁶“Cuando un niño te enseña una hoja llena de garabatos, te está mostrando una parte de su mundo, una parte de él mismo”

Esta escrita divide-se em três capítulos centrais os quais nos encaminharão até a conclusão desta pesquisa. Para cada capítulo, há um objetivo específico que desejo alcançar em cada seção, para que deste modo seja possível delimitar respostas que reflitam sobre a pergunta central desta pesquisa.

Escolhi o município de Balneário Arroio do Silva por ser uma das localidades da região onde já tive contatos com as crianças e os jovens das escolas, a partir dos estágios obrigatórios da faculdade e de trabalhos independentes relacionados às artes visuais. Nestes estágios, trabalhei com a arte urbana e compreendi o quanto os alunos e alunas tinham interesse sobre o tema. Durante essas vivências, tive a oportunidade de indagar os alunos e as alunas sobre como e qual era o contato deles e delas com museus, exposições, visitas a teatros, entre outras experiências artísticas, para refletir sobre o acesso a estes espaços. Essa reflexão tornou-se mais intensa a partir da experiência com as disciplinas de Estágio Obrigatório III, com os alunos do ensino médio da Escola Apolônio Ireno Cardoso. Verbalmente mapeei com a turma os murais que eles e elas conheciam da cidade e sobre a aparição de novos graffitis nas ruas do município. Percebi um grande interesse pela arte urbana na maioria dos alunos e alunas, tanto do Ensino Fundamental quanto do Ensino Médio. É uma linguagem artística que por algum motivo faz com que os alunos e as alunas desta cidade se sintam curiosos e, de certa forma, representados.

Com o objetivo de organizar esse processo metodológico, ou seja, a situação problema, os objetivos e as perguntas que me levaram até o desenvolvimento de cada capítulo, criei um quadro com informações que norteiam essa investigação.

Quadro 1: Informações exploratórias para a escrita dos capítulos

Informações guia para a investigação			
Capítulos	2. PRIMEIROS PASSOS: DO BRANCO AO COLORIDO	3. CAMINHANDO E OBSERVANDO: RECONHECER-SE NUM TOM	4. ENSINANDO NOVOS PASSOS: DESCOBRINDO NOVAS CORES
Objetivos específicos:	Identificar a concepção de arte urbana e suas relações com o manifesto cultural.	Compreender como a ampliação de repertório pode influenciar na formação crítica e expressiva do aluno e da aluna.	Investigar como os alunos e alunas do município Balneário Arroio do Silva se reconhecem a partir do contato com o muralismo.

O que se busca compreender?	A importância da arte urbana e suas relações políticas, sociais e culturais.	As relações entre os espaços urbanos, os espaços expositivos tradicionais e a ampliação do repertório dos alunos e alunas.	As impressões dos alunos e alunas com a arte urbana local e se ela contribui para o desenvolvimento do sujeito.
Rotas exploratórias:	<p>A) O que é a arte urbana?</p> <p>B) Quais são os tipos de linguagens na arte urbana?</p> <p>C) Como pode a arte urbana do muralismo ampliar a visão de mundo e contribuir para o desenvolvimento da criticidade?</p>	<p>A) O que caracteriza o espaço expositivo urbano e as galerias/museus?</p> <p>B) O que difere um espaço expositivo do outro?</p> <p>C) Quem a galeria/museu e a rua deseja formar e o que implicam na formação do aluno e da aluna?</p>	<p>A) Há formação de pensamento crítico do aluno?</p> <p>B) Como é o repertório da turma?</p> <p>C) Identidade e expressão: se percebem e percebem seu entorno?</p>

Fonte: Elaborada pela autora (2024)

O título do segundo capítulo denominado *Primeiros passos: do branco ao colorido* apresenta este nome justamente por ser o início desta escrita. Assim como os passos são para os humanos o início de um novo ciclo, esta seção conta como começou a arte urbana, sua história e suas características no decorrer do tempo. Ela também informa sobre os principais objetos de estudo desta pesquisa; o muralismo e o graffiti. Para isso, pensei em algumas questões que ajudarão a delinear este capítulo: **O que é arte urbana? Quais são as diferentes linguagens de arte urbana? Como pode a arte urbana do muralismo ampliar a visão de mundo e contribuir para o desenvolvimento da criticidade?** Acredito na importância em saber sobre o surgimento e as características da arte urbana a fim de compreender melhor a sua relevância na sociedade e entender como foi a consolidação do muralismo no Brasil e na América Latina, antes de buscar compreender as impressões que os alunos e alunas apresentam sobre a arte urbana e suas implicações na formação do sujeito. O que se almeja aqui neste capítulo é **identificar a concepção de arte urbana e suas relações com o manifesto cultural**. Será a partir do estudo sobre a relação entre arte urbana, identidade e cultura, que me será possibilitado compreender futuramente as implicações dessa

modalidade artística na formação dos alunos e das alunas. Sobre a arte, a escritora, professora e doutora Luciana Mourão Arslan (2006) diz que:

Compreendida como objeto sociocultural e histórico, indicadores da existência de imaginários sociais e específicos, sempre em movimento, os quais influenciam e imprimem transformações nas códigos das linguagens da arte; são construídos por seus produtores em contextos específicos, ordenando suas criações e afetando suas práticas artísticas e estéticas (2006, p.1)

Sobre esta citação podemos afirmar que a arte e a cultura são formadas a partir da sociedade e das suas características. Ou seja, um determinado lugar em um tempo determinado define uma cultura diferente de outros lugares e outros tempos. A cultura local é criada a partir da sociedade, seus interesses, inquietações e peculiaridades, e esta define também, a existência e a identidade dessa comunidade.

O terceiro capítulo da pesquisa foi denominado *Caminhando e observando: reconhecer-se num tom*. Já tendo compreendido o conceito, os tipos e as contribuições da arte urbana na formação das pessoas, neste segmento o enfoque está no sujeito e na atuação da rua e da galeria/museu como espaços expositivos, pretendendo **compreender como a mediação cultural e ampliação de repertório podem influenciar na formação crítica e expressiva do aluno e da aluna**, já que, segundo Barbosa (1998, p. 55) “hoje, para os arte-educadores é tão importante a leitura da obra de arte quanto o fazer artístico, ambas atividades se complementando para o desenvolvimento da capacidade criadora e da percepção visual”. Para atingir este objetivo específico pensei nas seguintes perguntas: **A ampliação do repertório expande a visão de mundo? Quais são as características e diferenças que podemos encontrar nos museus e nas ruas? Quem a galeria/museu e a rua desejam formar e o que implicam na formação do aluno e da aluna?**

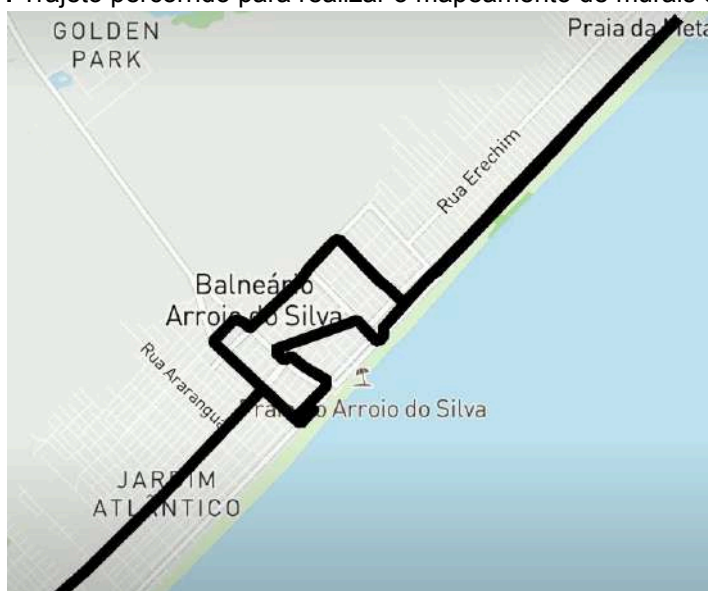
O capítulo quatro *Ensinando novos passos: descobrindo novas cores* tem como objetivo **investigar como os alunos e alunas do município Balneário Arroio do Silva se reconhecem a partir do contato com o muralismo e o graffiti**. Aqui descrevo como ocorreu a coleta de dados que originou a pesquisa de campo e apresento a análise das respostas obtidas com os alunos e alunas do 9º ano da

escola estadual Apolônio Ireno Cardoso, localizada no município de Balneário Arroio do Silva.

1.2 SOBRE A COLETA DE DADOS

A coleta de dados teve início com o movimento de mapear os grafittis/murais que existem no município de Balneário Arroio do Silva. Para isto, foram feitos registros fotográficos *in loco*⁷ das obras. Percorri as principais ruas e avenidas do município, desde o limite norte com o município de Araranguá, até o bairro Golfinhos no sul de Balneário Arroio do Silva.

Figura 7: Trajeto percorrido para realizar o mapeamento de murais e grafittis.



Fonte: Acervo da acadêmica, 2024.

Alguns murais eu já conhecia e outros avistei a partir do percurso realizado. A fim de sintetizar a pesquisa, estabeleci como critério de seleção obras que tinham porte médio ou grande e com finalidade principalmente artística, pois há várias lojas e comércios onde foram pintadas as fachadas utilizando técnicas de graffiti e/ou muralismo. Ao todo neste percurso me deparei com o total de 11 produções, sendo 9 que utilizam sobretudo a técnica do graffiti e 2 que exploram principalmente o muralismo.

⁷ Expressão que significa “no próprio lugar”, equivalente à expressão *in situ*.

Dentro dos graffitis e murais mapeados, 3 deles se encontravam no espaço das ruas Hortêncio Dutra (Centro), Rua Scaini (Norte) e Durval de Oliveira Souza (Centro).

Figura 8 : Mural da rua Hortêncio Dutra (pista de skate)



Fonte: Acervo da acadêmica, 2024.

Figura 9: Mural da Rua Scaini



Fonte: Acervo da acadêmica, 2024.

Figura 10: Mural Rua Durval de Oliveira Souza



Fonte: Acervo da acadêmica, 2024.

Três produções estão localizadas nas Avenidas Santa Catarina, Beira Mar e Barriga Verde (centro).

Figura 11: Mural da Avenida Santa Catarina



Fonte: Acervo da acadêmica, 2024.

Figura 12: Mural da Avenida Beira Mar



Fonte: Acervo da acadêmica, 2024.

Figura 13: Mural da Avenida Barriga Verde



Fonte: Acervo da acadêmica, 2024.

Os restantes se localizavam nos Mercado das Frutas das avenidas Santa Catarina (Sul) e na Avenida Barriga Verde (centro).

Figura 14: Mural Mercado das frutas Avenida Barriga Verde



Fonte: Acervo da acadêmica, 2024.

Figura 15: Mural mercado das frutas Avenida Barriga Verde



Fonte: Acervo da acadêmica, 2024.

Figura 16: Mural Mercado das Frutas Avenida Santa Catarina



Fonte: Acervo da acadêmica, 2024.

Figura 17: Mural Mercado das Frutas Avenida Santa Catarina



Fonte: Acervo da acadêmica, 2024.

Figura 18: Mural Mercado das Frutas Avenida Santa Catarina



Fonte: Acervo da acadêmica, 2024.

Figura 19: Mural Mercado das Frutas Avenida Santa Catarina



Fonte: Acervo da acadêmica, 2024.

Com esse movimento cartográfico, conclui que grande parte das obras retratam a identidade local dos moradores, e também dos turistas que por aqui passam. Por ser um município litorâneo, muitos possuem elementos que remetem à

ideia de natureza e tropicalismo. Elementos como peixes, a praia, o sol; acessórios como chapéus e óculos e cores vibrantes são alguns dos componentes característicos do município que expressam a identidade local.

Após realizados os registros fotográficos, classifiquei as obras por região: sul, centro e norte. A partir desse movimento pude compreender onde havia a maior concentração de obras.

Já com a categorização, desenhei em um pedaço de papel pardo de aproximadamente 3x2 metros um mapa da rota que realizei para efetuar os registros fotográficos, destacando com o marcador permanente as ruas principais que foram exploradas do município, para que ficasse mais evidente onde estava localizado cada graffiti/mural. Foi neste mesmo mapa desenvolvido por mim, que posteriormente, cada aluno registrou as respostas dos questionamentos que levantei e marcou também a região onde mora.

Com o material já finalizado, fui ao encontro com a turma do 9º ano 5 da escola estadual Apolônio Ireno Cardoso, que ocorreu no dia 25 de Outubro das 13:55h às 14:35h. Selecionei esta turma pois são alunos e alunas com aproximadamente 14 e 15 anos, que estão em fase de transição para o Ensino Médio e que, a partir do contato que tive durante os estágios obrigatórios e dando aula em outras escolas, nessas idades esses sujeitos demonstram mais evidentemente o traço de suas personalidades.

Ao todo participaram da atividade 22 alunos e alunas. A proposta foi a de, juntos da turma, construir um mapa que refletisse o questionamento principal desta pesquisa. O encontro teve início comigo indagando sobre o quanto eles conheciam de arte urbana e quanto contato tiveram com esta.

Em seguida, com o mapa de papel pardo estendido no chão, mostrei as imagens dos grafittis/murais registrados no município, deixei elas por cima do mapa e pedi para que cada aluno localize sua casa no mapa. Logo, os alunos de forma livre, pegaram uma ou mais imagens das obras do município para colocá-las no lugar do mapa onde se encontram.

Finalizada a localização dos murais, os eles e elas tiveram que escrever algumas frases e/ou palavras sobre as imagens a partir dos seguintes questionamentos: O que essas imagens contam pra você? O que esses grafittis

contam sobre o município? Quais pessoas são representadas aqui? É possível perceber o Balneário Arroio do Silva nessas produções?

As respostas desses questionamentos, ou seja, o que os alunos e alunas escreveram, colaram e desenharam no mapa, servirão de material de análise para essa pesquisa.

2 PRIMEIROS PASSOS, DO BRANCO AO COLORIDO: A ARTE NOS CONTEXTOS DA CIDADE

Por um tempo, quando se falava de arte urbana fazia-se referência somente às esculturas, principalmente monumentos, que se encontravam nas cidades. Não *obstante*⁸, quando falamos de arte urbana ou arte pública, denominada assim pela escritora Marcela Belo Gonçalves (2013), estamos fazendo menção a diversas linguagens e manifestações culturais que ocorrem principalmente nas ruas e nos espaços públicos de uma cidade, fora das paredes das galerias/museus. Este tipo de arte está diretamente ligada com a cultura do *hip-hop* e com as comunidades e culturas marginalizadas, principalmente dos grandes centros urbanos. As obras de arte urbana refletem diretamente as características e problemáticas das comunidades, principalmente periféricas.

A escritora e restauradora espanhola Elena García Gayo (2019) *descreve*⁹ dois tipos de arte que acontecem na rua:

(...) dois tipos diferentes de intervenções, as subvencionadas e institucionais, que são aquelas que se reconhecem como arte pública e outras pequenas e alternativas que tomam o espaço de forma ilegal, que são as que se definem como graffiti e arte urbano. (Gayo, 2019, p.154, *tradução nossa*¹⁰)

A partir de Gayo, entende-se que a diferença entre a arte subvencionada e a não subvencionada é o *permisso*¹¹ e a remuneração, ou não, para realizar uma obra em um espaço público. Assim como estes, aparecem vários outros termos para diferenciar os sub movimentos artísticos urbanos. Nesta escrita não irei me aprofundar nas subdivisões dentro da arte urbana, pois o que interessa aqui nesta pesquisa é a similitude de todas elas: o caráter público que a arte urbana tem vinculada a si, o que resulta na inclusão e abrangência de uma grande quantidade de pessoas dos mais variados contextos.

⁸ Apesar disso.

⁹ Descreve.

¹⁰ Dos tipos diferentes de intervenciones, las subvencionadas e institucionales, que son las que se reconocen como arte público y otras pequeñas y alternativas que toman el espacio de forma ilegal, que son las que se definen como graffiti y arte urbano (Gayo, 2019, p.154).

¹¹ Permissão.

Na arte urbana temos múltiplas linguagens artísticas, as quais englobam diversos campos de expressão tais como as artes cênicas - o teatro e a dança - as artes visuais, musicais, performáticas, entre outras. Na área das artes visuais temos o exemplo do lambe-lambe ou *paste up*. Trata-se de um cartaz pintado de forma artesanal ou impressa, em diversos tamanhos, em que é colado nas superfícies da cidade utilizando cola *wheat paste*, uma cola artesanal realizada com farinha de trigo.

Figura 20: Obras lambe-lambe do artista Gerdy Harapos



Fonte: Instagram do artista, 2024.

Figura 21: Obras do festival Lambe Floripa



Fonte: Instagram do Festival Lambe Floripa, 2024.

A performance é um movimento artístico híbrido que mistura teatro, dança e música onde o corpo é o instrumento principal nas obras. As produções podem acontecer tanto em espaços fechados, como museus e galerias, quanto nas ruas. A maior expoente desta linguagem artística é a artista sérvia Marina Abramovic. No Brasil, artistas como Martha Araújo, Letícia Parente e Ayrson Heráclito são e foram grandes exemplos da arte da performance.

Figura 22: Obra “Transmutação da carne” do Ayrson Heráclito



Fonte: Gabriela Pas, 2015.

Figura 23: Obra “Marca Registrada” da artista Letícia Parente



Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural, 1974.

Na área da dança urbana existe, por exemplo, o breakdance; um tipo de dança aeróbica, pertencente ao movimento cultural do hip hop do qual falaremos mais adiante, que utiliza passos e manobras rápidas, tanto em pé quanto no chão, a

partir da música de um ou vários DJ e MC's. São características desse movimento as batalhas ou competições e que, recentemente em 2024, foi adotada como uma nova modalidade nos Jogos Olímpicos. No Brasil, uma grande expoente desta dança é a Naiiara "Toquinha" Xavier.

Figura 24: Bgirl Toquinha



Fonte: Ana Branco, 2024.

O beatbox e o rap, também linguagens do hip hop, são do campo da música. O primeiro se caracteriza pela utilização da boca, o ar e as cordas vocais para fazer percussão vocal ou canto percussivo. Muitas vezes utilizado para criar bases musicais para o rap improvisado. Eduardo "Dudz" Almeida é uma das figuras mais relevantes do movimento beatbox no país.

O rap, talvez uma das linguagens da arte urbana mais conhecida, pertence ao hip hop e trata-se de uma declaração ritmada de um texto, letra, poesia ou improvisação. Assim como todas as linguagens do hip hop, surgiu nas ruas dos subúrbios da cidade de Nova Iorque e, dado seu grande sucesso, expandiu-se pelo mundo. Atualmente acontecem desde batalhas improvisadas nas ruas, passando pela Red Bull Batalla de Gallos até superproduções gravadas em estudos musicais. No Brasil a cultura do rap tem muitas figuras renomadas, algumas destas são Sabotage, Mano Brown, Black Alien, entre muitos outros e outras.

2.1 A LINGUAGEM DO GRAFFITI E DO MURALISMO

Nesta escrita darei ênfase principalmente no muralismo e no graffiti, duas linguagens de arte urbana que tem suas origens, segundo o artista, professor e pesquisador Celso Gitahy (1999), nas paredes das cavernas. As pinturas rupestres são as primeiras manifestações de muralismo e graffiti da humanidade. Estas geralmente representavam a cotidianidade da época como animais, símbolos e desenhos de pessoas. A etimologia da palavra Graffiti vem do italiano, seu singular é o *Graffito* que significa escritas em paredes realizadas principalmente com carvão. Estas primeiras pinturas sobre parede foram realizadas utilizando pigmentos naturais misturados com água ou gordura animal.

Ainda não se sabe o significado concreto de muitas dessas pinturas rupestres, porém Gitahy (1999) faz uma relação sobre o sentido do graffiti e muralismo com as pinturas das cavernas.

Assim, também o grafitar que se difunde de forma intensa nos centros urbanos significa riscar, documentar, de forma consciente ou não, fatos e situações ao longo do tempo. Diz respeito a uma necessidade humana como dançar, falar, comer, etc. (Gitahy, 1999, p.13)

Fica evidente a necessidade do ser humano de se comunicar e comunicar seu contexto através da arte desde o começo da humanidade, necessidade que hoje continua latente.

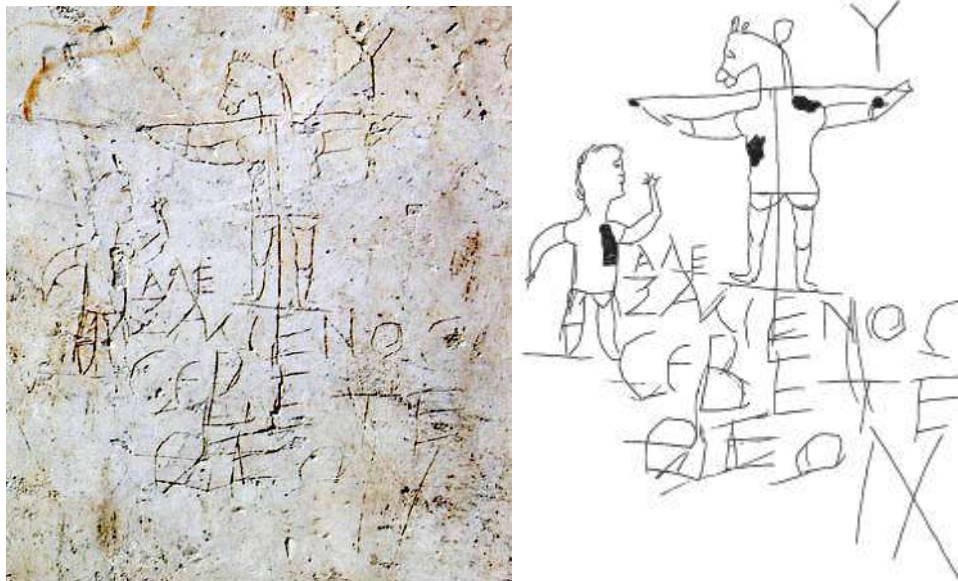
O conceito de graffiti, o qual discuto nesta pesquisa a partir de Gitahy (1999), é uma técnica de pintura realizada principalmente com spray em muros e paredes, podendo também ser executada em diversas outras superfícies. As obras de graffiti podem ser feitas tanto de forma legal como de forma ilegal, financiadas ou não. Recentemente, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou o projeto de Lei 24/2020, o qual reconhece o graffiti como uma manifestação da cultura brasileira e garante o direito à livre expressão artística.

Sobre o graffiti, Gitahy (1999,p.18) diz que esta técnica utiliza a cidade como suporte e a tinta como material, ou seja, ela “interfere no espaço, subverte valores, é espontânea, gratuita e efêmera”. Essas interferências possuem

características específicas, que identificam o que é o graffiti e o que é pichação, que segundo Gitahy (1999, p.18), “uma das diferenças entre o graffiti e a pichação é que o primeiro advém das artes plásticas e o segundo da escrita, ou seja, o graffiti privilegia a imagem; a pichação , a palavra e/ou a letra”.

Na cidade de Pompeia, na Itália, após a erupção vulcânica do ano 79 d.C. que deixou a cidade *sumergida*¹², foram encontradas mais de 11 mil escritas nas paredes, o que hoje poderíamos vincular principalmente com a pichação e também com o graffiti, pois algumas destas escritas estão acompanhadas de desenhos. Estas escritas são textos curtos nos quais “predominavam xingamentos, cartazes eleitorais, anúncios, poesias, praticamente tudo se escrevia nas paredes” (Gitahy, 1999, p.20). Também podem ser encontrados desenhos de cenas religiosas e comentários relacionados com a política e o retrato social da época.

Figura 25: Desenho religioso



Fonte: Grupo 15 moriscos, 2018.

¹² Sumergida refere-se a submersa.

Figura 26: Propaganda eleitoral apoiando a Helvio Sabino e Lucio Albucium



Fonte: Infobae, 2018.

Após um tempo, já na idade média, a pichação passou a ser uma linguagem utilizada pelos padres católicos, pois estes “pichavam as paredes dos conventos de outras ordens que não lhes eram simpáticas” (Gitahy, 1999, p.20). A pichação e o graffiti são linguagens que, desde o seu surgimento, possuem uma conotação irreverente¹³, informal. Muitas vezes, antiga e atualmente, revolucionários do mundo todo utilizam estas linguagens para divulgar mensagens políticas, relatando os objetivos e ideais de um governo, assim como palavras ou símbolos que expressam contradição aos seus adversários. Após a Segunda Guerra mundial foi criado o *spray*¹⁴, o que facilitou o trabalho com tinta e vernizes. Foi na revolta dos estudantes em Paris no ano 1968 que “vimos como o spray viabilizou que as mesmas reivindicações que eram gritadas nas ruas fossem rapidamente registradas nos muros da cidade” (Gitahy, 1999, p.21).

A consolidação do graffiti tal qual como o conhecemos hoje, surgiu nos Estados Unidos, nas cidades de Philadelphia e Nova Iorque, ao redor da década dos anos 70. Esta linguagem artística pertence ao movimento cultural do hip hop, nascido também na cidade de Nova Iorque em 1980. O hip hop é integrado por diversas linguagens e expressões artísticas, tais como as que foram citadas acima, e germinou com o propósito de unir e criar uma identidade própria para pessoas residentes nos bairros periféricos da grande metrópole estadunidense.

¹³ Entendido como atrevimento, descontração ou informalidade ao abordar algo tido como sério ou que desafia o senso comum.

¹⁴ Jato de líquido, neste caso de tinta, acionada com uma bomba a pressão.

Frente aos inúmeros problemas que assolavam estes bairros periféricos, como violência, pobreza, tráfico de drogas, racismo, educação, ausência de espaço de lazer para os jovens, a alternativa foi promover organização interna, ou seja, enfrentar o problema com os recursos da própria comunidade, sem depender de influência ou apoio externo (Rose 1997 p. 202. *apud* Fochi 2007, p. 61)

A popularidade do graffiti cresceu exponencialmente em pouco anos, e em 1975 aconteceu o que foi a primeira grande exposição de graffiti nos Estados Unidos. Mesmo entrando nas galerias/museus, o graffiti e a pixação continuaram sendo linguagens da rua.

A identidade do hip hop está profundamente arraigada à experiência local e específica e ao apego de um status em um grupo local ou família alternativa. Esses grupos formam um novo tipo de família, forjada a partir de um vínculo intercultural que, a exemplo das formações das gangues, promovem isolamento e segurança em um ambiente complexo e inflexível. E, de fato, contribuem para as construções das redes da comunidade que servem de base para os novos movimentos sociais. (Rose 1997 *apud* Fochi 2007, p.62)

A arte reflete a sociedade, as necessidades, seus desejos, problemas e características. Quando falamos de arte urbana é necessário compreender o porquê do seu surgimento. A arte urbana veio para ocupar e para integrar partes das sociedades que por algum motivo estavam marginalizadas da cidade, seja por falta de recursos, problemas sociais, dificuldades geográficas.

O surgimento do muralismo, como foi mencionado acima, também aconteceu a partir das pinturas rupestres, pois entendemos que uma pintura mural é aquela que é executada direto sobre uma parede, podendo ser de pequeno, médio ou grande porte (Gitahy, 1999). No Egito, na era dos faraós, a pintura mural cumpriu um papel fundamental. Segundo Gitahy (1999), pinturas narrativas eram feitas nas paredes dos túmulos dos faraós. Nestas misturavam imagens e textos, predominando a função decorativa utilizando técnicas mais complexas. Estes traços, longe de ser espontâneos, eram bastante detalhados e elaborados. A cultura da pintura mural se estendeu tanto no Oriente quanto nos povos do Mediterrâneo, e sobre isso, Gitahy diz que:

(...) se utilizava também a têmpera, outra forma de pintura sobre gesso úmido, que se estende desde a Idade Média e atinge seu ponto máximo

com a utilização de artifícios de perspectiva nas cúpulas de igrejas e palácios, deixando aparecer imagens do céu. (1999, p.14)

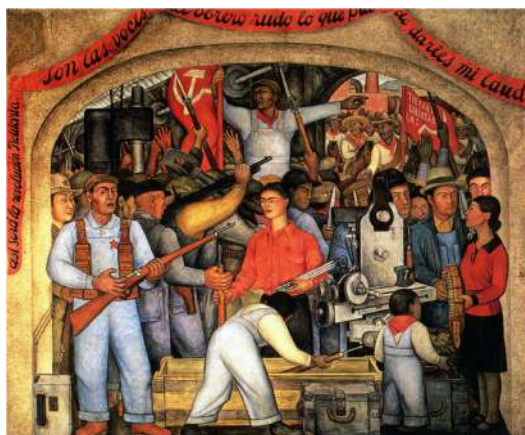
Mais adiante e durante muito tempo, a pintura mural ou de afresco¹⁵, foi utilizada amplamente para criações religiosas, mais pontualmente utilizada pelo catolicismo.

A consolidação do muralismo no ocidente foi ao redor de 1922, no México, a partir da Revolução Mexicana ocorrida entre 1910 e 1920 a qual acabou com o período Porfiriato, denominado assim pela ditadura exercida por Porfírio Díaz. O muralismo cumpriu um papel fundamental nesta época, artistas como Diego Rivera (1886-1957), David Alfaro Siqueiros (1896-1974) e José Clemente Orozco (1883-1949) foram alguns dos agentes culturais responsáveis pela difusão de mensagens a favor da revolução e da reforma política e agrária no país. Belo, sobre esse período, diz que:

O país clamava por uma nova política agrária e urbana, e neste contexto, os artistas viram no muralismo o melhor caminho para expor suas mensagens de cunho socialistas, retratando os anseios da população. Os artistas David Alfaro Siqueiros, Diego Rivera e José Clemente Orozco, expoentes do muralismo mexicano, defendiam que a arte deveria ter alcance social, ou seja, deveria ser acessível ao povo. (2011, p. 3-4)

A escolha dos murais como meio para transmitir as mensagens revolucionárias foi uma opção inteligente, justamente pela sua característica pública e com alcance social, coletiva e acessível.

Figura 27: Obra “El Arsenal”, de Diego Rivera



Fonte: 3 minutos de arte, 2022.

¹⁵ Técnica de muralismo que consiste na execução sobre uma base de gesso ou de cal ainda úmida.

Figura 28: Mural “La epopeya de la civilización americana” (detalhe) de José Orozco,



Fonte: El universal, 2017

Segundo Belo (2013) era necessário que a arte e as mensagens ocupassem os lugares públicos, quebrando com a pintura em suportes tradicionais e com os meios limitados de circulação da arte, como são as coleções particulares, os museus e as galerias. Era importante normalizar o consumo de arte e utilizá-la como mecanismo para fazer chegar as mensagens, neste caso de cunho político, até as diferentes comunidades na sua máxima amplitude.

A consolidação do muralismo Mexicano, como podemos perceber a partir de Gitahy (1999), teve um contexto muito definido e característico:

Vale lembrar que toda manifestação artística representa a situação histórica em que esta ocorre, não porque necessariamente toda arte deva ser engajada, mas porque é realizada pelo sujeito histórico dentro de um contexto histórico-social e econômico. (1999, p.17)

O movimento muralista mexicano foi uma referência para artistas brasileiros como Di Cavalcanti (1897 - 1976), Candido Portinari (1903 - 1962), Eugênio Sigaud (1899 - 1979) e o italiano radicado no Brasil Fulvio Pennacchi (1905 - 1992). As circunstâncias para o surgimento do muralismo no Brasil foram diversas. Na criação de murais e afrescos, estes artistas utilizavam principalmente temáticas

*costumbristas*¹⁶, religiosas ou ligadas à decoração com uma forte vinculação à arquitetura.

[...] a construção de uma identidade nacional [...] estava mais definida na relação entre a Arquitetura Moderna e o Estado, daí o surgimento de discussões sobre a necessidade de uma integração entre as artes e a arquitetura. (Almeida, 2009 *apud* Damasceno Nobre, 2011, p.57).

Entre a década de 1940 e 1960, segundo a mestre e doutora em história Patrícia Martins Santos Freitas (2023) 46% dos murais realizados na cidade de São Paulo estavam em espaços públicos tais como clubes esportivos, teatros, agências bancárias, entre outros. Em edifícios comerciais e residenciais a porcentagem era de 31%, e 23% dos murais se encontravam em residências, ou seja, murais de caráter privado. Estes dados demonstram a importância do espaço público para os murais brasileiros.

Atualmente as temáticas dos murais e grafittis brasileiros são tão amplas como artistas urbanos tem no país. Um exemplo de movimento urbano onde são realizadas obras de graffiti e muralismo no estado de Santa Catarina é o *Street Art Tour*, um projeto realizado no município de Florianópolis que há alguns anos vem efetuando eventos de arte urbana. Nas produções, são exteriorizadas problemáticas político-sociais, características do município e da sociedade, a preservação dos espaços naturais, entre outros. Os eventos se caracterizam pela simultaneidade de diversas expressões artísticas como a produção de murais e grafittis de pequeno e grande porte, oficinas de arte, projeção de documentários, experimentações artísticas, batalhas de hip hop, entre outras apresentações culturais estendidas por diferentes regiões de Florianópolis. Muralistas e grafiteiros atuais como Gugie Cavalcanti, Thiago Valdi, Tuane Ferreira, Rodrigo Rizo, Cazé Arte, Bruno Barbi entre muitos outros, participaram de uma ou mais edições do evento. As mensagens das pinturas geralmente são de caráter político-social, como é o caso de Barbi que a partir do *Street Art Tour* criou, no centro histórico da ilha de Florianópolis, o “Circuito Cidade Negra”, onde revitalizou 16 obras próprias realizadas ao longo da sua carreira, as quais retratam personalidades negras.

¹⁶ A arte costumbrista ou de gênero é aquela que manifesta a cultura, os hábitos e as tradições de um grupo humano em determinado lugar e período histórico, geralmente com cenas da vida cotidiana.

Figura 29: Obra do artista Bruno Barbi.



Fonte: Bruno Barbi, 2024.

Figura 30: Obra sobre Antonieta de Barros pelos artistas Gugie, Thiago Valdi e Tuane Ferreira.



Fonte: Acervo digital da artista Gugie Cavalcanti, 2019.

Numa entrevista de 2022 com o site blog de arte¹⁷, o coordenador do evento Arturo Valle Junior falou sobre os objetivos da realização desse evento:

Buscamos a valorização dos espaços públicos, e dentro de um público diverso, queremos conectar os que têm interesse pela arte urbana e os que não conhecem; os que têm acesso a espaços de arte e a museus e os que nunca se imaginaram dentro de um, os que sabem o que é arte e os que não fazem ideia de que estão diante de uma todos os dias nas ruas de sua cidade. (Menezes, 2022)

Na fala de Valle Junior fica evidente a abrangência que a arte urbana tem. Mesmo estando numa capital onde o acesso à arte talvez possa ser mais fácil, se evidencia que existem pessoas que não conseguem acessar os espaços expositivos convencionais como galerias/museus, e outras que também não têm o hábito ou interesse de comparecer. Porém, a arte urbana se impõe e fica na frente das pessoas em grande parte das ruas da cidade.

A capacidade da arte urbana de alcançar públicos amplos e diversos dá espaço à manifestação de muitas mensagens e, conseqüentemente, realidades. Quando a arte urbana acontece, é construída uma atmosfera que convida todo o tipo de pessoas a contemplar ou participar, gerando um espaço diverso, vasto, com abundantes e distintas realidades que ampliam a visão de mundo e enriquecem a experiência pessoal e a formação humana.

2.2 A ARTE URBANA COMO CRÍTICA E AMPLIADORA DE VISÕES DE MUNDO

As vivências e experiências da vida são uma das principais influências para a constituição do indivíduo. É a partir do conhecimento do mundo e do caminho percorrido que vamos desenhando nossa personalidade, nossos gostos e particularidades, formando um ser humano com características específicas advindas do contexto, da cultura e das experiências vivenciadas.

O escritor e antropólogo brasileiro Roque de Barros Laraia (2004, p.15) no seu livro *Cultura: um conceito antropológico* cita o antropólogo Marvin Harris (1969) que diz que “nenhuma ordem social é baseada em verdades inatas, uma mudança

¹⁷Site organizado por um grupo de artistas que divulgam trabalhos artísticos e trazem informações acerca do mundo da arte. Disponível em: <https://blogdearte.art/2022/11/11/street-art-tour-festival-em-florianopolis-sc/>

no ambiente resulta numa mudança no comportamento”. Podemos compreender, com base nisso, que o contexto onde está inserido o indivíduo, e o que acontece neste contexto, reflete na formação desse ser humano.

A cultura é um conjunto de características sociais que determinam um determinado grupo de pessoas. Podemos dizer que um dos primeiros conceitos de cultura, tal como a conhecemos hoje em dia, foi pensado pelo antropólogo britânico Edward Taylor.

No final do século XVIII e no princípio do seguinte, o termo germânico Kultur era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa Civilization referia-se principalmente às realizações materiais de um povo. Ambos os termos foram sintetizados por Edward Tylor (1832-1917) no vocábulo inglês Culture, que "tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade" (Laraia, 2004, p.14)

A cultura, então, é um complexo conjunto de características criadas pelos humanos e que representam os indivíduos de um determinado lugar. É um aspecto fundamental na vida das pessoas, é inerente ao ser humano e o que nos diferencia das outras espécies. O ser humano é um ser cultural.

Assim, podemos entender a ampliação do repertório como o conhecimento de diferentes culturas, ou de diferentes crenças, artes, leis, costumes. Quando observamos outras práticas diferentes das nossas, nosso conhecimento se expande, a visão do que é o mundo se amplia, se abrem novos horizontes. Quando comemos pratos ou alimentos os quais não temos costume de comer, ou talvez não conhecemos, o nosso repertório aumenta, a nossa bagagem cultural e as nossas vivências se enriquecem e isso passa a formar parte de nós.

Ampliar o nosso conhecimento sobre arte e cultura facilita a compreensão do ambiente onde estamos inseridos e desenvolve o senso crítico. Se percebe que a prática da criatividade e a ampliação do repertório artístico e cultural aumenta a capacidade das pessoas de mudarem o seu entorno e sua realidade. Andréa Vieira Zanella (2007) traz uma reflexão da Ana Mae Barbosa sobre a importância da arte na criação e reconstrução da vida das pessoas:

Desconstruir para reconstruir, selecionar, reelaborar, partir do conhecido e modificá-lo de acordo com o contexto e a necessidade, são processos criadores desenvolvidos pelo fazer e ver Arte, fundamentais para a sobrevivência no mundo cotidiano. (Zanella, 2007, p. 23)

A prática e a observação da arte semeiam a criticidade no ser humano e a capacidade de entender o mundo, a cultura e a sociedade. Isto *logra*¹⁸ que o sujeito consiga se posicionar na sua comunidade dotado de habilidade para “reelaborar o seu meio ambiente para melhor adaptá-lo aos seus desejos e necessidades” (Zanella, 2007, p. 23) e acrescento: e aos desejos e necessidades da comunidade.

Ao observar um graffiti ou um mural, por exemplo, estamos contemplando certas características de uma cultura, de um determinado grupo social. O lugar onde a arte foi executada, as cores, os traços, a altura na qual foi feita, o público que pretende alcançar, as letras ou os símbolos utilizados, tudo isso comunica. É a partir da experiência com os diferentes tipos de arte e seus espaços formadores que nos enriquecemos, ampliamos e potencializamos para imaginar e criar coisas novas, em todos os aspectos da vida.

Lázaro Braga (2023, p.168-169) diz que os “equipamentos urbanos”, fazendo referência à arquitetura urbana, quando graffitados ou pintados, deixam de ter relações puramente funcionais com seu entorno. Estas construções são características vivas de um ou vários enunciados, pois concentram significados sociais que a mesma cidade desenvolve. Podemos dizer que a relação sociedade-cidade é intrínseca e que, quando os equipamentos urbanos são intervenidos com graffiti ou murais, estas pinturas indiscutivelmente trazem características da sociedade.

O graffiti e o muralismo falam sobre as características de uma sociedade, suas problemáticas políticas e sociais as quais expressam a identidade do povo e da comunidade onde a pintura está inserida, e quem a observa, se enriquece e expande seu repertório cultural e desenvolvendo a criticidade a partir da ampliação da visão do mundo. O sujeito é capaz de criar, mutar e reelaborar a sua realidade individual e coletiva através das experiências e ferramentas que o contato com a arte proporciona.

¹⁸ Permite alcançar.

3 CAMINHANDO E OBSERVANDO: RECONHECER-SE NUM TOM

O espaço urbano é um conceito amplo que abarca diferentes compreensões. Destaco aqui nesta pesquisa, a compreensão a partir da visão do professor, pesquisador e escritor Sérgio Luís Abrahão (2008), ele escreve sobre a concepção de espaço público juntamente com o entendimento trazido pela escritora e filósofa brasileira Marilena Chauí, no seu seminário “Espaço público e exclusão social” de 1998.

O autor diz que a concepção de espaço público, atualmente e segundo a compreensão de Chauí, é aquele onde se tem espaço social para as lutas - sejam estas de movimentos populares, sociais e sindicais - para as formas políticas de expressão permanente - tais como os partidos políticos, o Estado de direito e as políticas econômicas e sociais - . O espaço público, segundo os escritores, é o espaço onde é possível construir e consolidar a cidadania.

Podemos dizer que o surgimento do termo “espaço público” se remete à pólis grega. O escritor Maurício Stunitz Cruz diz que:

Na pólis grega o espaço público é a esfera de ação do cidadão, é o espaço onde se compete por reconhecimento, precedência e aclamação de idéias. É nesse ambiente, com condições de homogeneidade moral e política e de ausência de anonimato, que existe a perseguição da excelência entre os iguais. Por oposição, o espaço privado é onde se dão as relações entre os que não são cidadãos, os comerciantes, as mulheres, os escravos. (Cruz, 1994, p.01)

Esta concepção difere bastante da ideia espaço público abordada por Abrahão, e, conseqüentemente, de espaço privado, que temos hoje em dia. Na pólis grega o espaço público era o mais importante, era onde se dava visibilidade às pessoas que eram consideradas cidadãos e onde se deveria mostrar uma certa sabedoria e excelência (Cruz, 1994). Esse espaço era um lugar privilegiado, destinado para aquelas pessoas com certo poder, para aqueles iguais, cidadãos homens e livres. Já o espaço privado destinava-se para os que não tinham poder e eram desiguais.

Com o nascimento dos estados nacionais modernos e o surgimento do capitalismo, a relação entre os habitantes e o espaço público e privado mudou. A

consolidação do mercado determinou que o espaço privado agora é para os cidadãos da mesma classe. Cruz explica que:

Se o que regula as relações entre o Estado e a sociedade são as leis, o que regula as relações entre os participantes do mercado é o contrato. Segundo Bobbio, esta é "a forma típica com que indivíduos singulares regulam suas relações no estado da natureza, isto é, no estado onde não existe ainda o poder público. (1994, p.2)

Em um contrato não é preciso a presença do estado e, numa sociedade capitalista, o funcionamento dos espaços privados é a partir de contratos. Com base nisso, o espaço privado tomou o lugar do espaço público e passou a ser o lugar das vantagens, dos privilégios e do status, o espaço dos iguais. Assim, o espaço público foi atribuído ao Estado, sendo este "aquele espaço que, dentro do território urbano tradicional (especialmente nas cidades capitalistas, onde a presença do privado é predominante), sendo de uso comum e posse coletiva, pertence ao poder público" (Narciso, 2009, p.2) sendo estes: praças, parques, ruas, espaços de lazer, avenidas, entre outros.

Quando falamos em cidades, ou em viver em cidades, fica implícito a vida em comunidade. Os conglomerados e as massas determinam uma grande parte da cultura, que é definida por várias outras subculturas menores que dialogam entre si por estarem convivendo num mesmo território. De certa forma, isso representa uma segregação: os bairros dos ricos, os bairros privados, os bairros centrais de comércio e trabalho, as favelas, entre outras.

Rolnik (1994) escreve sobre as mudanças da cidade e dos espaços no decorrer da história da humanidade, quando afirma que a burguesia passou a ter casas e lares mais afastados das ruas, "murando" o núcleo familiar e a vida privada, criando diferentes cômodos dentro da suas moradias como por exemplo a sala de visitas ou o salão de festas. Com isso houve a reestruturação da relação dos espaços públicos/privados e a sua relação com a sociedade pois "a vida social burguesa se retira da rua para se organizar à parte, em um meio homogêneo de famílias iguais a ela" (Rolnik, 1994, p.49).

Assim, a visão de espaço público mudou e, de certa forma, adquiriu algumas características negativas. O espaço público dos iguais, da pólis grega, dos homens livres com poder de debate e liberdade, tornou-se agora um espaço de mistura de

classes, a qual muitas vezes são catalogados, pelas classes sociais médias-altas e altas, como lugares nos quais certos corpos podem e não-podem existir.

3.1 CONCEPÇÕES E CARACTERÍSTICAS: ESPAÇO URBANO, GALERIAS E MUSEUS

Atualmente podemos pensar o espaço público como um lugar de manifestação, utilizado principalmente pela população, um espaço cívico para a defesa dos direitos e a veiculação de mensagens de caráter social e político. Abrahão (2008, p.24) aponta, a partir da concepção de espaço público da escritora Hanna Arendt, que nas cidades gregas e romanas a vida pública era principalmente composta pelo discurso (conversação) e a ação (práxis). Quando pensamos o espaço urbano como um lugar expositivo, a práxis e o discurso continuam sendo elementos essenciais para a execução das obras de arte urbana.

Em contrapartida, pensando sobre os espaços expositivos contrários ao meio urbano, a palavra museu vem do grego *mouseion* que significa templo, casa ou morada das musas. Mais tarde foi associado esse termo para os espaços nos quais se conservam obras de arte e objetos históricos. A palavra Galeria vem do latim *Galilea* o qual possui diferentes acepções, quase sempre destinados a um lugar de exposição de algo. Podemos dizer que a principal diferença entre um museu e uma galeria, segundo Leite e Ostetto (2005), é que o museu tem um acervo de obras e se dedica a preservar, estudar e exibir obras de arte:

O museu é uma instituição permanente sem finalidade lucrativa, a serviço da comunidade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que realiza pesquisas sobre a evidência material do homem e do seu ambiente, as adquire, conserva, investiga, comunica e exhibe, com a finalidade de estudo, educação e fruição (Merleau-Ponty, 1980, p.89 *apud* Leite e Ostetto, 2005, p. 23)

Já uma galeria trabalha com a exposição de obras temporárias focadas nas vendas destas. Escolhi falar sobre o museu e a galeria em simultâneo, pois o que me interessa é analisar as exposições em lugares fechados e destinados unicamente para a exibição de obras de arte. Deste modo é possível refletir sobre quais experiências, o meio urbano, os museus ou galerias, são propiciadas aos indivíduos que frequentam esses espaços.

Segundo o Bacharel em Artes Visuais Baltazar Zeferino (2014) sobre o espaço galeria/museu, é possível dizer que:

A galeria de arte nos dias de hoje ainda se mantém como um ambiente destinado a um certo grupo seletivo de pessoas, o que muitos não sabem é que ela é para a fruição de todos (...). A galeria hoje se tornou um espaço realmente infinito, dando a novos lugares, novos olhares, novas possibilidades para que a arte possa permanecer viva e presente na sociedade. (Zeferino, 2014, p.32)

As galerias/museus, no decorrer da história, foram mudando e, atualmente, podemos dizer que dentro deles acontecem uma multiplicidade de obras dos mais variados tipos e formas. Já não é um espaço unicamente destinado à exposição de pinturas sobre tela nas paredes, e sim um lugar onde acontecem múltiplas manifestações artísticas que são convidadas a fazerem parte desse espaço, podendo se *desplegar*¹⁹, desde pinturas sobre tela até performances e instalações.

O esfacelamento das fronteiras da arte faz com que um objeto qualquer possa ser elevado ao *status* de obra de arte, se não pela intenção do artista, pelo menos por sua intervenção, por menor que ela seja. (Leite e Ostetto, 2005, p. 21)

Para sair do conceito da galeria/museu como um espaço inflexível e fechado e pensá-lo como um lugar onde também aconteceram grandes revoluções artísticas, O'Doherty (2019, p.106) diz que “na condição de espaço que socializa os frutos de uma consciência ‘radical’, a galeria é a sede das lutas pelo poder conduzidas por meio da farsa, da comédia, da ironia, da transcendência e, claro, do comércio.”

3.2 DISSIMILITUDES EXPOSITIVAS

Entendemos que o espaço galeria/museu e o espaço Urbano pretendem alcançar, de forma consciente e inconsciente, distintos públicos e transmitem diferentes compreensões para os espectadores. Para estes, a experiência de se relacionar com uma obra urbana e uma obra de galeria/museu é significativamente diferente. Paralelamente, um artista que produz com o intuito de expor na

¹⁹ Desenvolver.

galeria/museu, cria, imagina e planeja sua obra com intenções que se diferenciam de um artista urbano, considerando os contextos, reflexos políticos e sociais que se apresentam nos espaços da cidade.

Sobre o espaço galeria/museu, O'Doherty (2019) traz uma similitude com as igrejas no que refere à arquitetura e aos motivos para determinadas decisões arquitetônicas.

A galeria é construída de acordo com preceitos tão rigorosos quanto os da construção de uma igreja medieval. O mundo exterior não deve entrar, de modo que as janelas geralmente são lacradas. As paredes são pintadas de branco. O teto torna-se a fonte de luz. (O'Doherty 2019, p.4)

As galerias/museus pretendem que as obras sejam atemporais, algo que condiz com o que fala O'Doherty (2019) sobre a separação da galeria e o mundo exterior. As obras das galerias/museus são cuidadosamente mantidas como se o passo do tempo não ocorresse e, muitas vezes, quando o tempo consegue ocorrer, estas obras são submetidas a restaurações efetuadas por expertos.

Suas superfícies imaculadas são intocadas pelo tempo e suas vicissitudes. A arte existe numa espécie de eternidade de exposição e, embora haja muitos "períodos" (...) não existe o tempo. (O'Doherty, 2019, p. 4)

Estamos habituados a falar sobre obras como a Gioconda de Leonardo Da Vinci, ou sobre a capela sistina e A Criação de Adão do Michelangelo sem lembrar ou compreender que são obras criadas há mais de 500 anos. Observar estas obras em parte é possível graças às técnicas de conservação e manutenção que os museus, as galerias e os restauradores fazem. As obras nos espaços dessas instituições contam com informações escritas. Sobre estas informações, Leite e Ostetto (2005) observam que podem ser tanto descritivas, como de caráter subjetivo ou a explicação dos personagens da obra, sobre o contexto da pintura, entre outros.

É importante ter a dimensão de que há mistérios simbólicos na visada de uma obra de arte. Porque tudo tem que ser transparente, claro? porque esvaziar e esmaecer os mistérios? As palavras que acompanham as obras de arte não podem ser pretensiosas, não podem ultrapassar a obra. (Leite e Ostetto, 2005, p.34)

O surgimento das galerias/museus é diferente do espaço da arte urbana. Segundo Leite e Ostetto (2005) os museus e galerias foram criados e aproveitados pelos setores dirigentes, quase sempre utilizando-se de objetos e obras roubadas em conquistas territoriais. O objetivo era manter o *status quo*, ou seja, o status da cultura que era tida como dominante, tendo o acesso restrito unicamente aos dirigentes e à classe alta, inferiorizando o restante do povo, catalogando-o de desinteressado, bruto e com poucos modais. Atualmente, o público seletivo que acessava esses espaços das galerias/museus se alterou, entretanto, ainda continua sendo um espaço para poucos. Segundo Leite e Ostetto (2005) é possível constatar que a experiência de ir a um espaço institucionalizado é outra:

(...) ir ao cinema é diferente de ver vídeo; ou ir ao teatro não é o mesmo que assistir a um grupo teatral encenando uma peça numa escola, e assim por diante. O teatro não vai até a escola – sua ambientação, sua arquitetura, seu cheiro, sua temperatura, seu *glamour*, as pessoas que ali estão...isso é insubstituível.” (Leite e Ostetto, 2005, p. 24)

As experiências formativas que o espaço da galeria/museu carrega consigo são insubstituíveis. Mesmo sendo um local agora mais acessível, todos os indivíduos, de diferentes realidades sociais, se sentiriam à vontade nos espaços da galeria/museu? Estes espaços realmente abrem as portas para qualquer um ou uma que queira usufruir das suas obras? Leite e Ostetto afirmam que o olhar sobre o objeto artístico é outro, quando se frequenta esses espaços:

O olhar solicitado numa praça pública não será o mesmo daquele solicitado em um espaço museológico. Existe uma semiologia do olhar que não é sempre a mesma: dependendo do lugar (ou contexto) em que se encontra a obra de arte, o olhar que ela vai exigir (ou não) do contemplador será diferente. São inúmeras as formas de ver as obras, dependendo de onde elas se encontram e de por que lá se encontram. (Leite e Ostetto, 2005, p. 26)

O museu e as galerias são espaços sacralizados, muitas vezes são feitas associações entre estes e os santuários, templos e até com os túmulos egípcios que “protege, torna intocáveis e preciosos os objetos” (Leite e Ostetto, 2005, p.27)

A arte urbana, por estar e acontecer nos espaços públicos, não possui essa característica sacralizada, ela é para todos e muitas vezes é acessível ao toque, à destruição, à modificação. Muitas obras de arte urbana são efêmeras. Tendo como exemplo o *happening* ou a performance, a durabilidade dessa ação artística perdura o tempo que os atores estão fazendo a intervenção. Nos murais e grafittis, o passar do tempo é mais devagar, porém os fatores naturais fazem parte da obra desaparecer, já que ficam expostos no tempo, ao sol, a chuva e também tem a interferência da qualidade das tintas utilizadas.

Sabendo sobre o surgimento das linguagens das artes urbanas, compreendemos que “focalizando apenas no aspecto legal, já podemos perceber que o graffiti, por sua natureza intrínseca, sempre será marginal” (Gitahy, 1999, p.33). Sendo assim, o público alvo dessas obras não era, nem é, tão seletivo quanto os das galerias/museus.

O graffiti não vende um produto nem uma mensagem institucional, expressa sua presença, a sua conquista do espaço. É uma mensagem que quer causar inquietude porque é, acima de tudo, uma mensagem de resistência, tanto física e espacial quanto simbólica e de resposta à densificação icônica da sociedade contemporânea e a hegemonia das imagens emanadas. (Diego, 2000, p. 239 *apud* Braga, 2023, p.131, *tradução nossa*²⁰)

A arquitetura semelhante às igrejas dos espaços expositivos como o da galeria/museu está no lado oposto da arte que acontece e se expõe na rua. Assim como vimos que O’Doherty mencionou sobre as portas lacradas, o fechamento para dentro da igreja, fazendo referência às galerias/museus, na arte urbana não se tem portas nem paredes internas, todo o que é produzido acontece na vista de todos aqueles que estejam transitando por aqueles espaços abertos.

3.3 REPERTÓRIOS CULTURAIS E FORMAÇÃO DE SI

²⁰ El graffiti no vende un producto ni un mensaje institucional, expresa su presencia, su conquista del espacio. Es un mensaje que quiere causar inquietud, porque es, ante todo, de resistencia, tanto física y espacial como simbólica y de respuesta a la densificación icónica de la sociedad contemporánea y la hegemonía de las imágenes emanadas. (Diego, 2000, p. 239 *apud* Braga, 2023, p.131)

Sobre a importância do repertório cultural, Leite e Ostetto (2005, p.23) dizem que “o acesso aos bens culturais é meio de sensibilização pessoal que possibilita, ao sujeito, apropriar-se de múltiplas linguagens, tornando-o mais aberto para a relação com o outro, favorecendo a percepção de identidade e de alteridade”. Ou seja, quanto maior for o contato com a arte, de diversos tipos e lugares, mais se amplia a bagagem cultural.

As galerias/museus pressupõem um espectador com um repertório artístico, cultural e estético mais amplo e desenvolvido para que as obras possam ser compreendidas. O sociólogo francês Pierre Bourdieu, segundo Silva (1999) utiliza o termo Capital Cultural para falar sobre esta distinta bagagem de conhecimentos culturais, que cada indivíduo carrega consigo e que é ela que codifica ou é capaz de decodificar esse repertório:

Capital cultural é uma expressão cunhada e utilizada por Bourdieu para analisar situações de classe na sociedade. De uma certa forma o capital cultural serve para caracterizar subculturas de classe ou de setores de classe (...) é tido como um recurso de poder que equivale e se destaca - no duplo sentido de se separar e de ter uma relevância especial - de outros recursos, especialmente, e tendo como referência básica, os recursos econômicos. (Silva, 1995, p.24)

Podemos dizer que esse Capital Cultural, segundo Bourdieu, são as experiências, vivências e acesso aos conhecimentos culturais que uma pessoa contactou, ou seja, quanto repertório sobre arte, estética, crenças, costumes, entre outras atividades, esse indivíduo conhece e/ou experienciou.

Ao ser entendido como um tipo de capital, o desenvolvimento do repertório cultural é um tipo de poder, pois segundo o escritor Tomaz Tadeu da Silva (1999, p.149) “o conhecimento não é exterior ao poder, o conhecimento não se opõe ao poder. O conhecimento não é aquilo que põe em xeque o poder: o conhecimento é parte inerente do poder”, e o poder diferencia e classifica os indivíduos de uma sociedade.

Para entrar numa galeria/museu, além de ser necessário seguir uma certa quantidade de regras e normas de comportamento, é necessário possuir um certo poder cultural, ou seja, possuir um Capital Cultural que seja capaz de fazer conexões entre diversas experiências e conhecimentos estéticos, artísticos e

culturais para conseguir compreender uma obra. Quando vemos que alunos e alunas não têm acesso a esses espaços, percebemos uma falta na formação artística institucionalizada. O espaço galeria/museu contribui significativamente na ampliação do repertório cultural:

A obra plástica, vinculada a questões vitais, quando disponibilizada ao grande público, pode propiciar a todos, inclusive pessoas leigas ou desacostumadas ao encontro com a arte, condições para a fruição-criação estética, como forma de apropriação humana, como parte significativa no processo de autoconstituição do homem no processo de construção histórica. (Peixoto, 2003, p. 95 *apud* Leite e Ostetto, 2005, p.37)

A arte urbana trabalha com um tipo diferente de arte e, conseqüentemente, de espectador, pois ela cria um reflexo social e cultural da sociedade e o observador da arte urbana desenvolve seu repertório cultural. A rua cria laços e interpretações voltadas principalmente para o que se passa nesse local específico onde a obra está inserida. Por isso, o espectador poderia compreender mais facilmente a mensagem que a obra quer refletir, já que consegue realizar ligações mais próximas de si, do que com as obras de dentro de uma galeria ou de um museu. Por tanto, ambos os espaços são formadores, a rua e as galerias/museus, cumprem um papel dentro da formação cultural dos sujeitos numa sociedade, e são relevantes para o enriquecimento do Capital Cultural das pessoas.

4 ENSINANDO NOVOS PASSOS: DESCOBRINDO NOVAS CORES

A coleta de dados aconteceu na escola Apolônio Ireno Cardoso, uma escola estadual localizada no centro-norte do município de Arroio do Silva. Nesta escola eu já havia trabalhado com o ensino médio no estágio obrigatório IV, também com o tema arte urbana. A professora de Arte do ensino fundamental da escola me cedeu as suas duas aulas de Arte com a turma do 9º ano 5. Na sexta feira 25 de outubro às 13h55m hs realizei uma roda de conversa com a turma que, nesse dia, contava com 22 alunos e alunas entre 14 e 15 anos, todos moradores do município Balneário Arroio do Silva.

Antes de comparecer na escola, registrei em fotos todos os graffitis e murais do município, das principais avenidas e ruas, desde o norte (limite com o município de Araranguá) até o bairro Golfinhos, no sul do município. Os graffitis/murais fotografados deviam cumprir com três requisitos: serem de médio ou grande porte; públicos e de caráter artístico; e não unicamente comerciais. Esses fatores foram necessários pensando também na quantidade de *tags*²¹ ou pichações pequenas que tem espalhado pela região, e que, se estas fossem contempladas, a quantidade de registros fotográficos seria muito maior, dificultando a coleta.

As obras do Mercado das Frutas, as quais não cumprem com os três requisitos, foram incluídas no acervo fotográfico da pesquisa pela sua relevância no momento de falar de arte urbana com os alunos e alunas do município. Percebi nos dois estágios que realizei na cidade, ambos sobre arte urbana, em duas escolas diferentes e com distintas idades, que estas obras são fortes referências para os estudantes quando falamos de graffiti. Em ambos estágios, foi só perguntar se conheciam ou já viram algum graffiti, que o nome do mercado logo era sugerido. Provavelmente por ser o mercado um espaço que pertence fortemente à rotina desses alunos e alunas, constantemente frequentado por eles.

Com o acervo fotográfico criado, desenhei um mapa do município sobre papel pardo, em tamanho ampliado, para que fosse possível a turma caminhar sobre ele. Nesta cartografia aparecia o centro da cidade, a parte norte e a parte sul do município. Também escrevi o nome das ruas e avenidas principais, assim como lojas

²¹ Assinatura dos graffiteros

e pontos importantes do município com o intuito de fazer com que a turma se localizasse mais facilmente.

Figura 31: O mapa desenhado



Fonte: Acervo da acadêmica, 2024.

Quando cheguei na sala de aula, comecei explicando a minha pesquisa e o porquê da minha visita. Dei início aquela conversa perguntando para a turma se sabiam o que era arte urbana e quais os tipos que eles conheciam. Os alunos e alunas demoraram para responder. Se criou um silêncio por alguns segundos até que um deles se manifestou dizendo “o graffiti”, e os restantes assentiram. Aproveitando a fala do aluno, introduzi de modo breve algumas das outras linguagens da arte urbana, para que pudessem construir ligações com as diferentes formas de se produzir arte no espaço urbano e para que também pudessem refletir melhor sobre as suas vivências, seus contatos e os conceitos.

O que pude perceber é que eles e elas reconhecem o que é o graffiti: “É uma pintura” falou uma aluna “é feito com spray” respondeu outro. “É pichação” determinou um aluno, ao qual outros colegas responderam que não, pois a pichação é ilegal. A partir do repertório da turma, me disseram que não possuem vivências com a criação artísticas por meio de linguagens urbanas, mesmo sabendo e conhecendo cada graffiti e mural da cidade. Talvez o fato de não terem vivenciado tal

prática, também tenha influenciado na dificuldade que tiveram em fruir algumas das imagens que registrei da cidade.

Após esse diálogo, pedi ajuda aos alunos e alunas para estender o mapa do município no chão. Dei para cada integrante da turma um pedaço de papel adesivo e solicitei que, nele, escrevessem seu nome e que colocassem no mapa, no local onde fica a sua morada. A intenção desse movimento inicial era perceber e identificar se os integrantes daquele grupo residiam perto de alguma das produções urbanas que mapeei e também prever qual era o contato que tinham com aqueles graffitis e murais. Essa identificação me trouxe os seguintes dados: 17 moravam no sul do município; 3 no centro; e 2 no norte. A partir disso constatei que, mesmo a maior parte da turma residindo na área sul, foram os graffitis e murais da pista de skate que mais estiveram presentes nas falas dos alunos e alunas. (figura 9 e 10).

Em sequência, coloquei as imagens que tirei dos graffitis da cidade no chão, e pedi para que observassem as imagens e começassem a colocá-las no mapa, nas ruas e espaços onde essas obras estão. Quando mostrei as imagens das obras da pista de skate (figura 8 e 10), grande parte da turma falaram “Ah, esses são os da pista” “são os da nossa pista de skate”. Eu escutei duas alunas se perguntando onde ficava a pintura da praia (figura 13) “ e essa aqui?” falou uma aluna, e a sua colega não conseguiu responder. Logo, chegou outra colega e falou “Ah, esse é o mural da entrada”. Eu respondi “É né, o mural da entrada indo para Araranguá” e ela respondeu “Sim! Eu moro bem aí no centro, a um quarteirão antes desse mural”.

Sobre os murais dos mercados, a maioria do grupo se limitava a falar “Esse é do sul” “esse é do centro”, fazendo referência aos mercados localizados nas Avenida Santa Catarina e Avenida Barriga Verde, respectivamente. Uma aluna pegou a obra do café (figura 15) e falou “Esta é a da padaria”, se referindo à padaria do mercado do centro. Um dos alunos que mora no Norte rapidamente pegou a obra da figura 9 e colocou na parte do mapa onde dizia Padaria Cadorin.

Figura 32: Localização dos murais/graffitis no mapa



Fonte: Acervo da acadêmica, 2024.

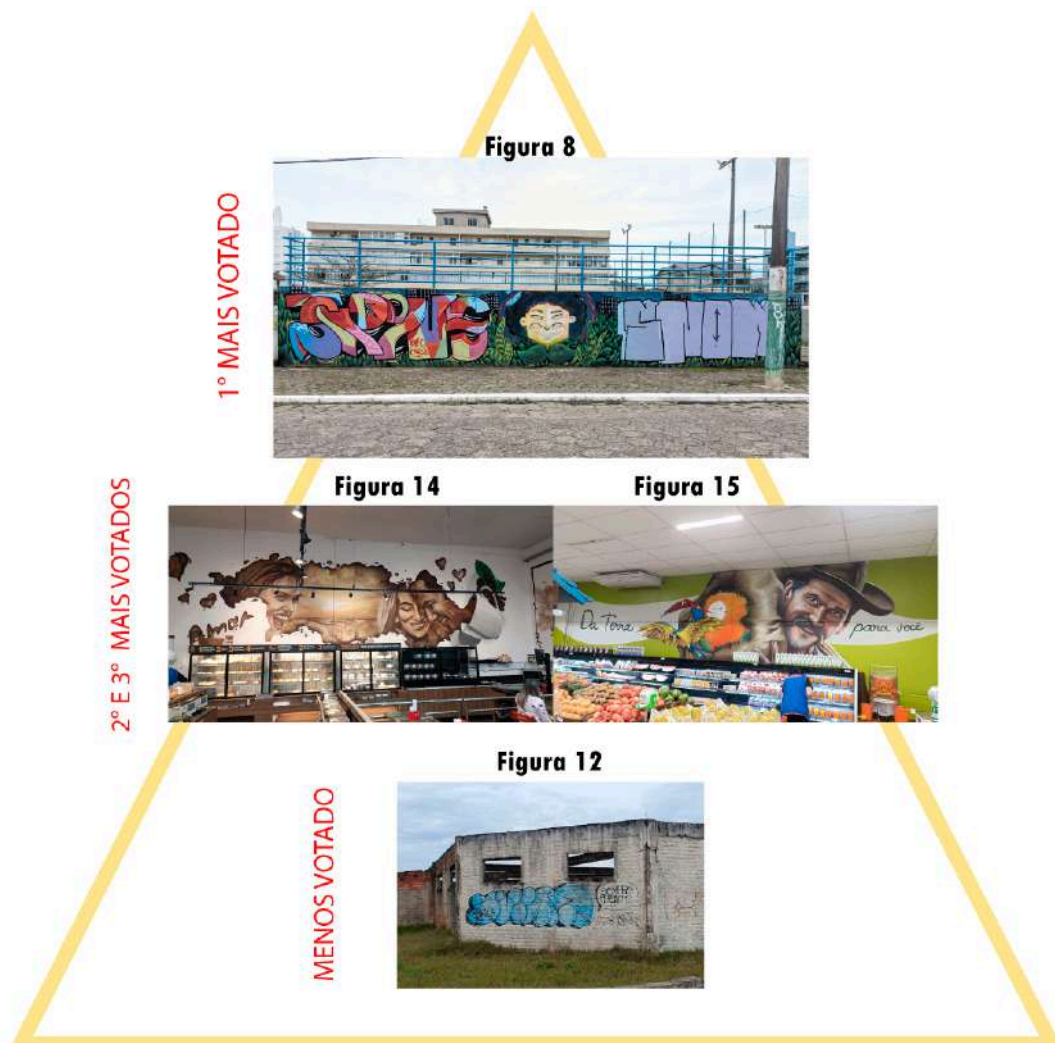
Achei interessante a velocidade com a que os a turma colocou os graffitis/murais nos lugares correspondentes. Isso me fez perceber que mesmo não tendo produzido diretamente algum material de arte urbana, os alunos e alunas perceberam o que eram murais e o que eram graffitis a partir dessas obras que estão pela cidade, conseguindo prontamente posicionar as imagens em seus locais. Isso me diz que tais produções urbanas estão bem presentes no repertório desses alunos e alunas, e que a turma tem elas como referências de arte urbana.

Quando as obras foram localizadas, fui nomeando os murais/graffiti e pedindo que levantassem a mão quem conhecia as obras. Essa ação me permitiu saber quais eram os graffitis/murais mais e menos conhecidos. A produção mais conhecida foi a da pista de skate (figura 8) que fica no centro da cidade; as segundas mais votadas foram as do mercado das frutas do centro (figuras 14 e 15) e a menos votada foi o graffiti do norte (figura 12). Isso me levou a perceber que grande parte da turma frequenta ou já frequentaram a pista de skate, que fica no centro, onde moram apenas dois alunos. “É a nossa pista de skate” escutei dizerem em mais de uma ocasião. Um dos fatores que contribuem para que isso aconteça, é o reconhecimento desta área como um local de encontro de jovens, em que os alunos e alunas se reconhecem pelas faixas etárias e se sentem pertencentes a um núcleo social.

Também percebi que a maioria frequentemente compra ou já comprou nos dois Mercados das Frutas. Quando cheguei na aula e comecei a perguntar sobre os tipos de arte urbana que conheciam, todos os alunos e alunas ficaram calados. Eu olhei pra eles e perguntei “Tá gente, nunca compraram algo em algum Mercado das Frutas?”. Em uníssono, falaram “Ah, verdade. As pinturas do Mercado” ou “Certo, essas pinturas são graffitis”.

Ambos os mercados estão localizados em duas das três avenidas com mais transitadas do município, além de serem os maiores mercados da cidade.

Figura 33: Pirâmide dos murais/graffitis mais e menos votados



Fonte: Acervo da acadêmica, 2024.

Continuei com a atividade entregando canetões permanentes de diferentes cores e pedi para que a turma escrevesse alguma palavra ou frase curta sobre as

imagens a partir das seguintes perguntas norteadoras: O que essa imagem conta para você? O que esses grafittis/murais contam sobre o Arroio? Quais pessoas são representadas nessas obras? É possível perceber o Balneário Arroio do Silva nestas produções?

No começo os estudantes ficaram com um pouco de vergonha de participar, mas foram se soltando e colocando palavras e frases muito interessantes, que serão exploradas nas próximas seções.

Figura 34: Escrita das manifestações dos alunos e alunas pelas obras de arte urbana



Fonte: Acervo da acadêmica, 2024.

4.1 O QUE DIZEM OS ALUNOS E ALUNAS?

Das 21 respostas registradas nas imagens, 14 delas foram termos que se relacionam à materialidades sensíveis ou de cunho emocional. O restante foram frases e palavras que descreviam ou identificavam relações com os símbolos que estavam nas produções, tais como: “Verão”, “Infância”, “Natureza”, “O nosso Brasil”, “Paz”, escritas estas que também representam o município.

No decorrer da atividade fui incentivando a turma a participarem da escrita, pois desde o começo da aula se mostraram um pouco tímidos e dispersos. Ao perceber que havia integrantes da turmas que não queriam participar, considerei

importante para a coleta de dados genuínos, não obrigar ou insistir, pois a escrita sobre as imagens tinha que ter manifestações verdadeiras, mensagens que expressassem os reconhecimentos, pensamentos e o que sentiam os alunos e alunas ao ver aquelas obras. No começo da atividade da escrita, esclareci que as manifestações a serem escritas nas imagens, podiam ser de qualquer natureza, sempre e quando fossem verdadeiras.

Como foi dito anteriormente, a grande maioria dos alunos e alunas que pertencem a turma do 9º ano é morador do sul do município. Porém, os graffitis/murais mais conhecidos foram os da pista de skate (centro) e os dos mercados.

Figura 35: Mural/graffiti na pista de skate - Confiança e saudade



Fonte: Acervo da acadêmica, 2024.

Figura 36: graffiti da pista de skate - nostalgia



Fonte: Acervo da acadêmica, 2024.

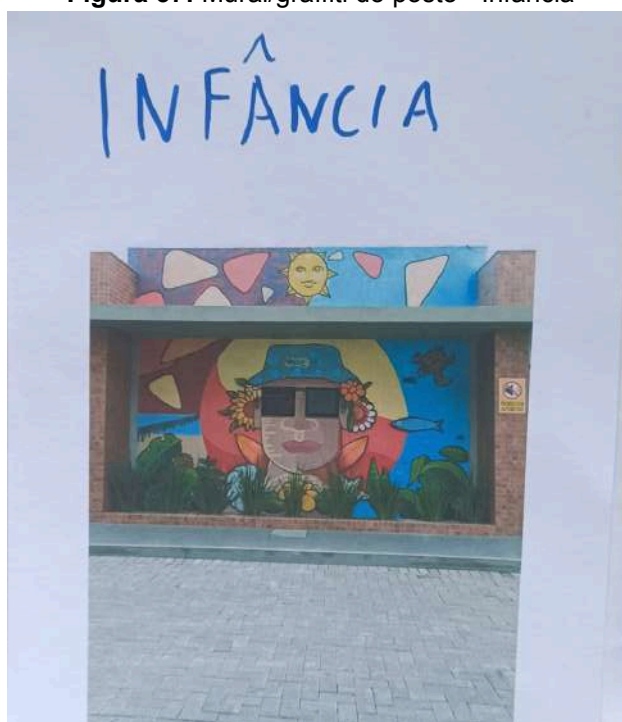
As imagens das obras da pista de skate (figura 8 e 10) foram as que mais rapidamente receberam escritas. Um mesmo aluno escreveu nas duas imagens palavras análogas: saudade e nostalgia, utilizando tipografias mais elaboradas. Quando cheguei na minha casa e olhei as escritas com mais atenção, achei interessante e gostaria que houvesse mais tempo para indagar sobre essas palavras. Talvez esse aluno tenha boas lembranças ou experiências nesse lugar. Esses graffitis/murais evidentemente fizeram o aluno se lembrar de momentos passados ou da infância que, acredito eu pela escolha das palavras, tenham sido bons.

O aluno ou aluna que escreveu a palavra “Confiança” realizou a escrita de forma sigilosa, pois não consegui identificar quem a realizou. Acredito que ela ou ele tenha escrito essa palavra justamente por ser um espaço principalmente dos jovens, ou seja, um espaço onde talvez seu grupo de amigos ou vínculos afetivos se reúnam. Também pode ter escrito a palavra confiança justamente pela atividade que é realizada neste lugar: para andar de skate, patins ou bike numa pista com rampas, corrimões e estruturas para pular, é necessário ter confiança.

As três escritas sobre as obras da pista de skate: confiança, nostalgia e saudade, me encaminham a perceber que os alunos e alunas gostam e talvez sentem falta dos momentos que viveram neste lugar; um lugar que evidentemente é significativo para eles e que carrega principalmente boas lembranças e sentimentos. Talvez estes sentimentos também sejam um reflexo da etapa da vida na qual se encontram esses sujeitos. Estar finalizando o 9º ano do Ensino Fundamental significa fechar uma etapa na vida estudantil, mas também representa a passagem para a adolescência, a qual traz outras inquietudes, desejos e obrigações.

Essas palavras de fato expressam que tais produções urbanas refletem a construção desses sujeitos, considerando as memórias, histórias e vivências que são despertadas ao observar tais obras. Outro/a aluno/a colocou a palavra infância num mural bastante recente do município (figura 37).

Figura 37: Mural/graffiti do posto - Infância



Fonte: Acervo da acadêmica, 2024.

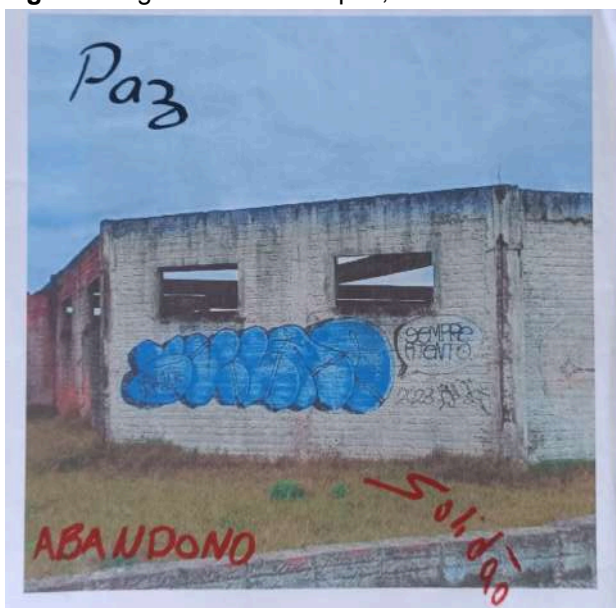
Achei interessante a colocação dessa palavra pontualmente nessa obra, pois quando essa produção foi construída, há cerca de um ano e meio, esse aluno não estava na fase da infância. Será que o personagem lembrou o aluno de momentos de manhãs de praia, lá no balneário? O chapéu e os óculos do personagem fizeram com que ele lembrasse de algo que viveu na infância? Os peixes são ou foram elementos importantes na vida e no repertório do estudante? O lugar, que atualmente é um posto de gasolina, foi um espaço de lembranças e acontecimentos na vida deste sujeito? Esses são fatores que representam características singulares daquele aluno e que ele pode ter reconhecido nos símbolos que expressam a identidade do município, lugar este que hoje é morada daquele sujeito.

O mural/graffiti menos conhecido foi o do norte (figura 33). A primeira palavra a ser escrita nesta obra foi “Paz”; o aluno que a escreveu ficou sozinho e em silêncio olhando a imagem por mais de 15 minutos. Este aluno é morador do Norte do município, então acredito que já tenha visto essa obra pessoalmente. Talvez este aluno escreveu a palavra “Paz” por ser morador do Norte e saber que o ritmo diário em certas partes desta região do município é mais tranquila que, por exemplo, as

ruas do centro. Ou será porque esta obra, ao estar perto da casa dele, remete ao seu *hogar*²²? Será que escreveu paz por esta obra estar localizada perto do mar?

As outras palavras escritas, “Solidão” e “Abandono”, dão uma impressão negativa, todas essas escritas têm semelhanças e a imagem realmente transmite a sensação de um lugar longe, afastado do centro, um pouco *deteriorado*²³ e sem muitas coisas ao redor.

Figura 38: graffiti do norte - paz, abandono e solidão



Fonte: Acervo da acadêmica, 2024.

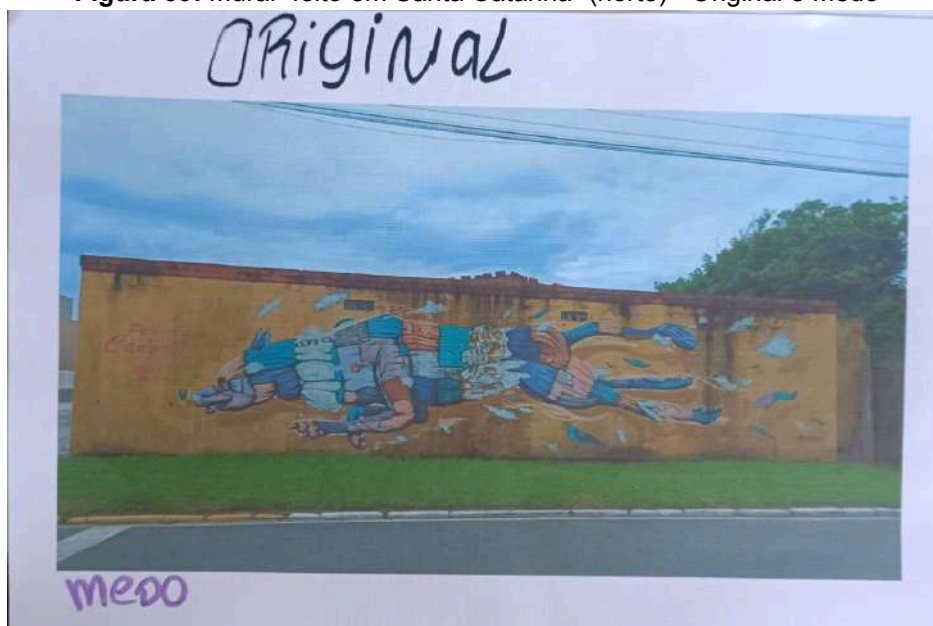
Será que os/as alunos/as que escreveram as palavras abandono e solidão, moram num bairro mais movimentado? Talvez quem escreveu, mora no centro e, ao não ver prédios ou casas altas, sente que é um lugar solitário e esquecido?

No outro graffiti/mural do norte (figura 9), dois alunos colocaram palavras bastante interessantes para analisar: original e medo.

²² Lar.

²³ Com um pouco de deterioração.

Figura 39: Mural “feito em Santa Catarina” (norte) - Original e Medo



Fonte: Acervo da acadêmica, 2024.

Achei curioso o uso da palavra “Medo” e “Original” para representar esta obra. Um integrante da turma achou esse personagem intimidatório, e realmente quando se conhece essa pintura pessoalmente, é uma obra que se impõe, pelo seu tamanho, pelo seu deterioro²⁴ e também, pela sua originalidade. Também podemos relacionar este personagem, que parece um lobo, com o arquétipo deste animal; um animal selvagem, que caça, por vezes ligado á violência ou visto como ameaça. É um tipo de animal que não temos na região, o que pode reforçar esses preconceitos sobre sua figura, e gerar uma sensação de medo.

Possivelmente, o integrante da turma que escreveu a palavra “Original” conheceu pessoalmente esse graffiti/mural, ou se lembrou que numa parte do personagem o artista pintou uma etiqueta que diz “Made in Santa Catarina”, pois na foto que eu levei não é possível ler. Isso quer dizer que o aluno compreendeu que essa obra é diferente de outras aqui na região, que realmente é algo original e, talvez, saiba que o artista é de alguma cidade perto de Balneário Arroio do Silva ou mesmo deste município, pois tem diversas obras na cidade com a assinatura dele, e o aluno quiçá já tinha percebido isso.

²⁴ Deterioração.

Figura 40: Detalhe da obra do norte - original e medo



Fonte: Satélite Google Maps, 2024.

Esta obra conseguiu manifestar a originalidade a partir de um estilo que realmente é diferente dos demais dispostos pelo município, e talvez as cidades ao redor não tenham algo similar. Ao mesmo tempo, essa originalidade pode ter sido o fator para que outro aluno escrevesse a palavra “Medo”.

O graffiti/mural da entrada da cidade (figura 13) possui características singulares e elementos representativos do Balneário Arroio do Silva.

Figura 41: Mural/graffiti sobre a praia - recordação e alegria



Fonte: Acervo da acadêmica, 2024

Além das frases “Preserve a natureza” e “Cuide das praias”, que fazem parte da obra, os alunos colocaram as palavras “Recordação”, “Verão” e “Alegria”.

Novamente uma palavra que poderia significar a lembrança de uma memória: recordação. É uma possibilidade pensar que a aluna que escreveu essa palavra tenha se conectado com momentos vividos na praia em outro momento da sua vida, ou também pode estar querendo reafirmar as frases que o artista colocou na obra: recorde-se que tem que cuidar das praias, recorde-se de preservar a natureza.

Percebi que o graffiti/mural que a turma teve maior dificuldade para encontrar uma frase ou uma palavra, foi o da figura 16, o mural da natureza.

Figura 42: Mural do mercado sul - natureza e empatia



Fonte: Acervo da acadêmica, 2024.

Interpreto que as alunas que escreveram as palavras Natureza e Empatia se conectaram com a mensagem que a obra sugere de forma bastante objetiva: cuidar o meio ambiente e a natureza é também uma forma de empatia. Cuidar a natureza é também cuidar do outro. Podemos perceber como uma das mãos da obra é verde e a outra de tom de pele. Isto poderia ser interpretado como a relação entre os humanos e a pachamama²⁵. Também se pode observar uma luz ou um brilho ao redor da planta, o que pode representar a maravilha das criações da natureza.

Já o graffiti/mural do café (figura 15), no mercado do centro, foi outra das obras que mais rapidamente recebeu escrita e foi a imagem que mais recebeu palavras.

²⁵ A Mãe Terra na cultura andina (Peru, Bolívia, Argentina, Chile).

Figura 43: Mural/graffiti do café (Mercado centro) - O nosso Brasil



Fonte: Acervo da acadêmica, 2024.

As alunas escreveram “O nosso Brasil”, “Momentos em família” e “Amor de família”, isto mostra o reconhecimento da proximidade que as estudantes têm com o tema da obra. Como falei anteriormente, todos os alunos e alunas presentes no dia da coleta de dados moram no Balneário Arroio do Silva, por tanto, se uma aluna escreve “Amor de família” ou “Momentos em família” esta obra remete às espectadoras ao lugar onde elas moram, à sua família, à intimidade do lar, ou seja, podemos compreender que o lugar onde residem transmite essa característica. As alunas se sentiram próximas e identificadas com o tema da pintura.

Achei as escritas singelas, entretanto bastante profundas e com muitas conexões com a vida e as lembranças pessoais daquele grupo. O tempo que tive para a coleta de dados, as duas aulas cedidas pela professora de Arte, a Rosi, cerca de 1 hora e 30 minutos, me pareceu muito curto para a quantidade de questionamentos que despertaram em mim agora, depois de analisar com calma as respostas dos alunos e alunas. Tenho certeza que se contasse com mais tempo para realizar esse mapa com a turma, conseguiria informações mais significativas e aprofundadas para acrescentar a nesta pesquisa.

4.2 QUAIS IMPRESSÕES SE MAPEIAM AQUI?

Quando a turma finalizou a escrita das frases e palavras, fui perguntado novamente pra eles se essas obras representam o nosso município e se eles percebiam as características próprias do Balneário Arroio do Silva, naquelas produções urbanas. Os alunos e alunas, no primeiro instante, ficaram em silêncio e se entreolharam com expressão de negação, caras de quem expressavam não encontrar representatividade nas obras. Na sequência, uma aluna falou “Eu acho que não”, mas em seguida complementou dizendo “Ah...talvez os murais da pista de skate, e o mural da praia”. Aproveitando esse impulso, continuei questionando a turma o porquê desses dois murais. Junto com outra aluna, elas disseram que “porque estão na pista de skate, né? É a nossa pista de skate”.

Com essa fala ficou evidente que a pista de skate é um espaço importante e representativo para os alunos e alunas. Este espaço conta com várias manifestações pictóricas de arte urbana, mais além das que coletei. Se não existissem essas obras de arte urbana, a pista de skate geraria o mesmo sentimento de pertencimento e representatividade nos jovens?

Sobre os outros murais/graffitis, a turma não foi explícita sobre se retratam ou não o município e seus habitantes. Nesse momento consegui perceber a dificuldade dos alunos e alunas para formular uma resposta, seja afirmativa ou não, sobre a representatividade dos graffitis/murais da cidade. Os estudantes também tiveram dificuldade em determinar se eles se sentiram ou não representados pelas obras. Acredito que, por causa do pouco contato com linguagens de arte urbana, o repertório daquele grupo mostrou-se restrito, o que dificultou o reconhecimento, ou não, da comunidade na maioria dos graffitis/murais do município, mesmo escrevendo nas imagens, de forma consciente ou inconsciente, palavras e frases as quais são representativas do município e da vida dos alunos e alunas. Posso dizer, então, que a expressão por parte da turma, mesmo com dificuldade, resultou mais efetiva a partir da escrita nas imagens do que de forma oral.

A partir desta experiência na sala de aula, compreendi que os graffitis e murais do município são algo que chama a atenção dos jovens, pois eles rapidamente localizaram todas as obras, e a maioria conhecia mais da metade das pinturas. Observei que as escritas que os alunos e alunas fizeram nas imagens, tem

bastante relação com o município, e sobretudo com a vida pessoal da turma. Porém, no momento de colocar essa representatividade em palavras de forma oral, tiveram muita dificuldade para se expressar e formular um pensamento mais crítico a partir do que avistaram.

5 IIMPANDO OS PINCÉIS: A APARIÇÃO DE OUTROS HORIZONTES

Esta pesquisa me ajudou a compreender mais profundamente sobre a necessidade da arte urbana na nossa sociedade. Se bem, eu como artista e como futura professora de arte entendo a importância da arte para a vida, foi difícil colocá-la em palavras e embasar teoricamente o porquê é importante, pois a necessidade de se rodear de arte é algo que principalmente se sente.

A partir desta escrita cheguei à conclusão que o repertório cultural e o Capital Cultural, é algo fundamental para o desenvolvimento humano. A arte e a cultura possibilitam aos sujeitos o crescimento, o desenvolvimento, o melhor entendimento do mundo e das suas relações políticas, sociais e culturais, das comunidades e, também, do autoconhecimento, o que abre espaço para pensar alternativas que possam melhorar a nossa vida e a vida dos outros.

Sabemos que, para quem não mora numa capital ou numa cidade muito grande, o acesso à arte é mais restrito. Para o enriquecimento dos Capitais Culturais, as galerias/museus cumprem um papel importante. A falta do contato dos alunos e alunas com este tipo de espaços se percebe na dificuldade para analisar outros tipos de arte de forma crítica e autônoma, condições que também são aplicadas na vida. O repertório cultural, como falado anteriormente, nutre também a capacidade do indivíduo para enfrentar as dificuldades da vida e de transformar as suas realidades.

A arte urbana, com as suas vantagens e limitações, é uma possibilitadora do acesso à arte e permite a conexão com um tipo de produção artística própria e característica da comunidade onde está inserida, feita por e para a população. O seu diferencial, em comparação com as produções artísticas encontradas em galerias/museus, é que por apropriar-se de elementos próximos aos contextos do espectador, as produções urbanas utilizam de um repertório mais circunvizinho. Sendo de fácil decodificação, representatividade e fruição, sejam quais forem os Capitais Culturais do indivíduo.

A partir desta pesquisa percebi como os alunos e alunas do 9º ano da escola Apolônio Ireno Cardoso possuem pouco conhecimento e contato com as linguagens da arte urbana e que a maioria deles não tem um posicionamento sobre

se essa vertente da arte é algo necessário e positivo, ou não. Talvez isso ocorra justamente pela carência de abordagens sobre esse tema nas aulas de Arte. Notei bastante dificuldade na maioria deles para explorar as imagens dos grafittis/murais e responder questionamentos sobre a representação do município e seus habitantes nas obras.

Mesmo com um repertório não tão expandido, no momento da escrita das imagens os alunos e alunas colocaram palavras e frases que traçaram conexões evidentes com o município e suas características, as dos seus habitantes e principalmente com as suas vidas pessoais. Foi a partir destas escritas que compreendi que existe nos alunos e alunas, a percepção de representatividade nas obras de arte urbana do município. Mesmo a turma não chegando a essa conclusão no fim da nossa aula, foi possível observar, de modo implícito, esse vínculo com os grafittis/murais da cidade.

Estimular os alunos e alunas a procurar conexões entre eles e as obras da cidade, incentiva-os a criar ligações com seu entorno a partir de um olhar crítico e criativo. E aqui justifico o papel do Ensino de Arte na formação do aluno e da aluna. Este olhar crítico e criativo que lhes despertou durante a aula de Arte, serve para que compreendam a sua própria cultura, a dos outros que lhes rodeiam, e deste modo, com as suas visões de mundo ampliadas, melhor se conheçam, reconheçam o outro e transformem o seu entorno.

6 PROJETO DE CURSO

TÍTULO: Muralismo e a construção de si: aproximações entre a arte urbana e a formação de repertório docente

JUSTIFICATIVA:

Este projeto busca aproximar os professores e professoras da arte urbana e principalmente engajar a percepção de que há subjetividades nas produções urbanas. O trabalho será a partir da pergunta “Onde eu pertencço?” pois o intuito é trabalhar com as características do município e sua sociedade e a identificação dos seus moradores. “Onde será o lugar de pertencimento de cada professor? O intuito é incentivar os professores a pensarem qual é o espaço onde eles se sentem mais confortáveis, qual é o lugar que eles afirmam que pertencem, para assim, criar obras em grupos, utilizando técnicas do muralismo.

Este trabalho procura também compreender o conhecimento dos professores sobre arte urbana e ampliar seu repertório sobre esta, explorando as diferentes formas de manifestação artística urbana e apresentando artistas importantes de cada movimento, priorizando os artistas latinoamericanos e Brasileiros.

A prática e o conhecimento artístico são de grande relevância quando falamos de desenvolvimento humano. Sobre isto, a Base Nacional Comum Curricular traz:

A Arte contribui para o desenvolvimento da autonomia criativa e expressiva dos estudantes, por meio da conexão entre racionalidade, sensibilidade, intuição e ludicidade. Ela é, também, propulsora da ampliação do conhecimento do sujeito relacionado a si, ao outro e ao mundo. (Brasil. 2018 p. 474)

A linguagem artística, tanto nos jovens quanto nos adultos, contribui para um melhor entendimento dos nossos desejos, percepções e pensamentos, tanto na produção como no conhecimento de novos tipos de arte, obras e artistas.

O contato com a arte urbana possibilita o surgimento de novos olhares, conexões e questionamentos sobre as características da comunidade onde estamos

inseridos e conseqüentemente sobre nós mesmos. Muitas vezes, é a partir dela que os alunos conseguem ter um contato mais direto com diferentes linguagens artísticas.

OBJETIVO GERAL:

Proporcionar espaços de ampliação do repertório cultural para professores, por meio da arte urbana, que discutam sobre a importância de tais produções na formação dos alunos e alunas.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Discutir sobre o conceito do que é a arte urbana e suas diferentes linguagens, com enfoque no muralismo.
- Ampliar o repertório cultural e imagético, por meio do contato com muralistas do mundo, principalmente de Brasil e América Latina.
- Experimentar técnicas de muralismo, para a criação de um painel que reflita sobre identidade, lugar e pertencimento.

EMENTA:

Arte Urbana; Muralismo; Formação de Professores; Pintura

Carga-horária: 6 ou 8 horas aula.

Público Alvo: Professores e professoras de arte

METODOLOGIA:

Vou dividir este projeto em três ou quatro encontros de duas horas-aula cada um. Dependendo do tamanho do painel, é recomendado que sejam realizados quatro encontros para conseguir finalizar a atividade. É necessário que os

professores contem com celulares ou tablets para a realização da ampliação dos esboços para o painel.

No primeiro encontro começarei perguntando o que eles conhecem de arte urbana, para assim, conversar um pouco sobre o que é e não é a arte urbana, e quais são algumas das suas linguagens. Logo, a turma será dividida em subgrupos. Cada um destes grupos receberá duas imagens sobre alguma obra de arte urbana de artistas como Marina Abramovic, Os Gêmeos, Nazza, entre outros. Cada grupo deverá analisar estas imagens a partir de perguntas como: O que há nessa imagem? Onde ela passa/está exposta? Pode ser considerada arte, mesmo acontecendo fora de uma galeria/museu? Qual tipo de sociedade retrata?

Figura 44: Obra da Marina Abramovic



Fonte: www.passeidireito.com, 1980.

Figura 45: Obra de Os Gêmeos



Fonte: www.cidadeecultura.com, sem ano.

Figura 46: Obra de Nazza

Fonte: www.buenosairesstreetart.com, 2014.

A continuação será realizada uma socialização entre os grupos, na qual cada um destes falará sobre suas impressões e sensações sobre as obras. Para finalizar, irei explicar alguns dos conceitos das obras, qual artista que fez e o contexto das obras. No próximo encontro cada professor terá que trazer uma fotografia autoral a qual responda o seguinte questionamento: Quais são os lugares que mais me reconheço no mundo?

No segundo encontro iniciaremos a formação com a socialização das fotografias, contando os motivos para a escolha dessa imagem e quais foram suas impressões ao realizar esta atividade. Neste momento será enfatizada a importância do desenvolvimento da percepção crítica, primeiro nos professores e depois nos alunos, a qual é necessária e aplicada tanto para o entendimento das obras artísticas quanto do contexto onde o sujeito se encontra.

Logo, serão ensinadas as técnicas de estêncil e grid orgânico para serem aplicadas num painel. Os professores, a partir das suas fotografias, deverão desenvolver um projeto de graffiti ou desenho a partir da pergunta “Qual é o meu lugar favorito no mundo?”

No nosso terceiro encontro organizaremos um painel coletivo, onde será representado o lugar favorito no mundo daquele grupo. Para isto, a aula começará

com uma sociabilização das obras dos professores para que todos possam interligar seus elementos visuais. Finalizada a socialização, o grupo deverá compor um painel coletivo o qual responde ao questionamento inicial.

Caso não tenha sido possível finalizar os painéis no terceiro encontro, deverá ser destinado um último encontro para a finalização e a criação dos detalhes na pintura.

REFERÊNCIAS DA PROPOSTA:

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018.

GITAHY. Celso. **O que é graffiti.** São Paulo. Brasiliense, 1999

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Sérgio Luís. **Espaço público: do urbano ao político**. São Paulo: FAPESP, Annablume, 2008. 194p.

ARSLAN, L. M.; LAVELBERG, R.; CARVALHO, A. M. .P. **Ensino da Arte**. São Paulo. Editora Cengage, 2006.

BARBOSA, Ana Mae, 1936- **Tópicos Utópicos/Ana Mae Barbosa**.- Belo Horizonte: C/Arte, 1998. 200p

BELO, Marcela. **ARTE PÚBLICA, MURALISMO E QUESTÕES POLÍTICAS**. Revista do Colóquio, [S. l.], v. 3, n. 4, p. 170–176, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/colartes/article/view/7668>. Acesso em: 11 nov. 2024.

LARROSA, Jorge Bondia. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, pp.20-28. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 11 nov. 2024.

BRAGA, Felipe Eduardo Lázaro. **Arte urbana, arte contemporânea**. ARS (São Paulo), [S. l.], v. 21, n. 48, p. 124–174, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ars/article/view/192205>.. Acesso em: 11 nov. 2024.

CANTON, Kátia. **Espaço e lugar**. São Paulo. Editora Martins Fontes. 2009.

DAMASCENO, Suzy Margaret Nobre. **Arte revolucionária: a função social da pintura mural**. Trabalho de Conclusão de Curso, Licenciatura em Artes Visuais, Universidade de Brasília, Brasília, p. 57, 2011. Disponível em https://bdm.unb.br/bitstream/10483/4469/1/2011_SuzyMargaretDamascenoNobre.pdf Último acesso em: 12 set. 2024

FARIA, T. D. DE F. .; SARAMAGO DE OLIVEIRA, G.; ALVES DOS SANTOS, J. **AS PESQUISAS QUALITATIVAS E QUANTITATIVAS NA EDUCAÇÃO**. Revista Prisma, v. 2, n. 1, p. 154-174, 25 dez. 2021.

FOCHI, Marcos Alexandre Bazeia. Hip hop brasileiro. **Tribo urbana ou movimento social**. Revista FACOM. São Paulo. n. 17, p. 61-69, 2007. Disponível em http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/maio2013/sociologia_artigos/hip_hop.pdf Ultimo acesso em 1 nov. 2024

GAYO, Elena Garcia. **El espacio intermedio del arte urbano**. Ge-conservacion, v. 16, p. 154-165, 11 dic. 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6^oed. São Paulo. Editora Atlas S.A. 2008.

GITAHY, Celso. **O que é graffiti**. São Paulo. Brasiliense, 1999

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11^oed. Rio de Janeiro. DP&A Editora . 2006

HONORATO, Aurélia Regina de Souza. **As experiências com literatura nos relatos das crianças: abrindo espaços de narrativa** Dissertação de Mestrado em Educação. UNES. Criciúma. p.89. 2007.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 17. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. 117 p.

LEITE, Maria Isabel F. Pereira; OSTETTO, Luciana E. **Museu, educação e cultura: encontros de crianças e professores com arte**. Campinas, SP: Papyrus, 2005. 174 p. (Ágere).

FREITAS, Patricia Martins Santos. **Modernismo no Brasil:: apontamentos iniciais para uma revisão do cânone a partir da arte mural**. Farol, [S. l.], v. 19, n. 29, p.

218–230, 2023. DOI: 10.47456/ufes.v19i29.40157. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/farol/article/view/40157>. Acesso em: 11 nov. 2024.

MENEZES, Flory. Street Art Tour, Festival em Florianópolis SC. In: **Arte Interativa Búzios**. blogdearte.art. Rio de Janeiro. 2022. Disponível em <https://blogdearte.art/2022/11/11/street-art-tour-festival-em-florianopolis-sc/> Último acesso em 10 nov. 2024.

NARCISO, Carla Alexandra Felipe. **Espaço público**: ação política e práticas de apropriação. Conceito e procedências. Estudos e pesquisas em psicologia. Lisboa. Ano 9, n.2, p. 265 - 291, segundo semestre de 2009. Disponível em <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v9n2/v9n2a02.pdf> último acesso em 14 out. 2024.

O'DOHERTY, Brian. **No interior do cubo branco**: A ideologia do espaço da arte. São Paulo. Martins Fontes, 2019.

PAÑOS, Sandra. **Trabajando las emociones en el aula de educación infantil a través del arte**. Orientador: Dr. Martin Caeiro. Trabajo de Fin de Grado. Curso de Grado en Educación Infantil. Universidad Internacional de La Rioja: Facultad de Educación. Barcelona. 2016. Disponível em: <https://reunir.unir.net/bitstream/handle/123456789/4487/PA%c3%91OS%20PA%c3%91OS%2c%20SANDRA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Último acesso em: 21 ago. 2024

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 86 p. (Primeiros passos ; 203).

SILVA, Gilda Olinto do Valle. **Capital cultural, classe e gênero em Bourdieu**. Revista INFORMARE. Rio de Janeiro, v.1, n.2, p.24-36, jul./dez. 1995. Disponível em <https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/215/1/OlintoSilvaINFORMAREv1n2.pdf> Último acesso 02 nov. 2024.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**; uma introdução às teorias do currículo/ Tomaz Tadeu da Silva . -3. ed.; 8. reimp. -Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1999. 156 p.

STUNITZ CRUZ, Maurício. **Público e privado**: o surgimento e a evolução dos conceitos. 1994. Disponível em: . Acessado em: <<http://www.pr.gov.br/batebyte/edicoes/1994/bb36/publico.htm>> 11 de nov. 2024.

ZANELLA, Andréa V. **Educação estética e constituição do sujeito**: reflexões em curso. Florianópolis: Ed. UFSC, 2007. 262p. (Cadernos CED ; 12). ISBN 8587103334 (broch.).

ZEFERINO, Baltazar Cadorin. **Do ateliê à galeria de arte**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma. 2014. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/handle/1/2702>. Último acesso 11 nov. 2024.

APÊNDICE

A– Obras minhas e da minha mãe

<https://drive.google.com/drive/folders/1Q2rWEoxJE6V2-lwPx2NUBNY6KRN85HT1?hl=pt-br>

B – Mapa do município realizado para a coleta de dados

<https://drive.google.com/file/d/1jsNS1EWU1dYNtathQAWoWOkgL6O1QtDZ/view?usp=sharing>

ANEXO

A – Escritas dos alunos sobre as imagens das obras urbanas do município

<https://drive.google.com/drive/folders/1i2p2hIDx2egQxzk4JixOxZ3JiX92s?usp=sharing>